



Barad de Mauo'

[Small, illegible text]

Dirtrich

O BARÃO DE MAUÁ.



roclamada a separação do Brasil, reconhecida diplomaticamente a independencia do Imperio, decretada e acceita a constituição politica da monarchia, e organisados os diversos ramos de administração e de governo, os olhos dos patriotas brasileiros deviam naturalmente voltar-se para o immenso territorio, não desbravado e incullo, onde faltava a povoa-

ção, e onde a natureza pozéra entre os seus proprios dons e mão de homens, obstaculos quasi insuperaveis.

Ahi estava o mais solido e seguro interesse do novo Imperio. Ahi o campo mais util para o exercicio da actividade de todos. Ahi um estimulo permanente de interesse particular e publico. Ahi a verdadeira corôa civica para os que se sentissem possuidos de amor da patria, e do santo desejo de fama gloriosa e de nome honrado.

Os triumphos alcançados na tribuna politica, a reputação ga-

nha na direcção do governo, as recordações briosas dos serviços militares, e tantos outros elementos da gloria humana, eram por certo valiosos, mas não podiam competir com a memoria que de si haviam de deixar 'naquella parte do novo mundo os creadores da agricultura e industria brasileiras, os fomentadores do commercio, e os iniciadores da sciencia do credito e dos principios economicos.

O inventor da vaccina é mais respeitado na tradicção do que o vencedor de Trafalgar. Parmentier, o introductor da cultura das batatas, vale mais do que Turenne. O nome do primeiro que venceu a furia dos ventos applicando o vapor á navegação, não foi obscurecido pela gloria do guerreiro affortunado que nos campos de Waterloo quebrou a espada de Napoleão I. A humanidade curva a cabeça respeitosa e diante dos heroes, mas beija com amor a mão dos seus bemfeitores.

Por isso quando eu andava colhendo e archivando os quadros de que devia compor-se a galeria portugueza, brasileira, e hespanhola, dos homens utilmente illustres d'essas tres nações, procurei sempre com preferencia constante informar-me miudamente ácerca d'aquelles sem cuja cooperação modesta e infatigavel se não teriam desenvolvido as forças e a prosperidade dos povos, e sem cujo trabalho seria inutil e esteril a gloria dos mais afamados personagens.

Circumstancias imprevistas obstaram a que eu podesse acabar o monumento que principiára a levantar á gloria das tres nações irmãs, mas não me obrigaram a desamparar o intento com quanto me impedissem de o levar ao cabo pelo modo que ao principio imaginára. Os obstaculos venceram-me. Não me convenceram. A fraquesa humana recuou. O espirito não, porque esse é divino e caminha sempre para o fim designado pelo creador.

As paginas da *Revista Contemporanea* servir-me-hão de sala de exposicção. Aqui irei apresentando em amostras de photographia moral os vultos que eu contava patentear em quadro maior e espaçoso. A pintura será igualmente verdadeira, e o effeito inteiramente semelhante, como nas copias photographicas dos grandes quadros de Raphael ou de Murillo.

Começo hoje com o barão de Mauá, capitalista brasileiro, não porque fosse o retrato d'elle o primeiro em que fortuitamente puzesse a mão, mas deliberadamente com o fim de o fazer conhecido dos meus compatriotas, 'nesta conjunctura em que a necessidade dos bons exemplos é geralmente proclamada.

A sociedade europeia está velha e achacada. A enfermidade que a vae consumindo manifesta-se no desenfreamento das pai-

xões, na avidez de riquezas e de prazeres, na ambição de todos em tudo, na relaxação dos laços domesticos e na extensão gradual do amor de familia, e na sujeição ignobil da honra e do dever ao interesse mais sordido e ao egoismo menos justificado. Estes são os symptomas da molestia que padece o corpo social, e cada symptoma é em si proprio uma perigosa enfermidade.

Na Austria um general distincto e estimado do Soberano, enforca-se com os alamares da farda, para escapar á severidade da lei. Apoz elle o ministro da fazenda busca no suicidio o meio de esquivar-se á vergonha de um processo judicial, e morre convencido da propria innocencia.

Na Saxonia um ministro de estado, menos hospitaleiro que o Sultão, entrega á Austria um refugiado politico, condemnado á morte, e repete, ao menos gratuitamente, no seculo decimo nono aquelle affrontoso feito praticado com o sr. Infante D. Duarte, que ainda hoje apesar do decurso de mais de dois seculos deslustra a memoria do Imperador Fernando.

Na Grã Bretanha, directores de bancos abusam da confiança pública; um medico salda as contas com os seus amigos e parceiros envenenando-os; um commensal e amigo das principaes familias inglezas, tenta assassinar seu proprio filho para inverter a transmissão natural da herança; e dois homens civilizados lutam ferozmente em uma casa do Strand como dois selvagens indomitos nas florestas virgens da America.

Em Roma um marquez distrae o capital do Monte de Piedade e põe mãos cubicosas no dinheiro dos necessitados. Em Napoles a corrupção é tal, que escandalisa e envergonha os animos mais propensos á tolerancia.

Na Hungria um magnate, versado em todas as doutrinas da civilisação geral do mundo, arroga-se o poder da Providencia e subtrae-se com a morte voluntaria ás difficuldades da sua condição de nobre, de patriota e de favorecido do Soberano.

Em França, 'nesta nação assombrosa e grande, onde surgem os exemplos das maiores virtudes e dos vicios mais abominaveis, uma menina na primavera da vida, lança no fogo o fructo de amores culpaveis; um fidalgo notavel pela importancia dos cargos que exercera, e pelo valor dos escriptos que publicára, é convencido e condemnado por corrupto e falsario; uma senhora da mais alta jerarchia escapa a igual responsabilidade, confessando que vive da generosidade de um homem vicioso; crimes nefandos levam ao banco dos réos alguns ministros da egreja, e o mais atrevido banqueiro dos tempos modernos recebe no mesmo anno um distinctivo honrosissimo do seu governo, e a intimação para

deixar examinar os seus livros, onde a justiça encontrará fraudes habilmente disfarçadas, e actos de grande culpa.

Em Hespanha um antigo ministro e um jornalista distincto, ambos personagens influentes do partido conservador, são accusados de peita e de suborno. Em Portugal uma discussão prolongada acabando em um inquerito preguiçoso, e um processo celebre, levantam suspeitas contra os proprios sacerdotes da justiça, e collocam no limiar da porta do juizo criminal um grande do reino.

É este pois o ensejo mais apropriado para eu ir ao outro lado do Atlantico buscar exemplos de actividade util e moral, de desinteresse nos negocios publicos, de sinceridade e honradez nas transacções commerciaes, e de patriotismo ardente e esclarecido. Nós démos á America a luz da civilisação moral. Agora que ella affrouxa e se amortece na nossa lampada, não nos envergonhemos de a ir accender de novo, onde por nossas mãos lançou os primeiros fulgores.

Não conheço o barão de Mauá, nem tenho com elle relações de alguma especie mas as informações que ácerca d'este capitalista brasileiro, recebi da America, e pude confirmar em França com testemunhos insuspeitos, procedem de origem que tenho por sinceramente verdadeira.

II

Chama-se o barão de Mauá Ireneu Evangelista de Sousa, e ha de completar quarenta e sete annos no dia 28 de Dezembro d'este anno. Nasceu na freguezia do Arroio Grande no districto de Jaguarão, provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul. Foram seus paes João Evangelista de Sousa e D. Marianna de Sousa e Silva, a respeito dos quaes unicamente alcancei, que de tenra idade o mandaram para a cidade do Rio de Janeiro, quando apenas entrava nos nove annos, e já destinado ao trafico mercantil.

Em 1825 entrou como caixeiro na casa de Antonio José Pereira de Almeida, que em 1829 se retirou do commercio. A aptidão e boas qualidades do moço Ireneu, determinaram o patrão a recommendal-o a Ricardo Carruthers, negociante inglez mui respeitado no Rio de Janeiro, que hoje vive em Carlisle, e irmão do sr. Guilherme Carruthers, de Lisboa, fallecido ha poucos annos em Portugal.

Era Ricardo Carruthers homem esclarecido, de grande merecimento, e honrado. Com estas qualidades facilmente descobriu o prestimo do seu novo empregado, e experimentando-lhe a actividade, a inteireza e a dedicação, resolveu empenhar-se em edu-

cal-o para a vida commercial. Foi este negociante inglez o verdadeiro mestre do sr. Ireneu Evangelista de Sousa.

Em 1836 julgou Carruthers completo o tirocinio do mancebo, e o associou ao seu commercio confiando-lhe inteiramente a direcção da casa. Vinte e tres annos tinha então o futuro barão de Mauá. Em 1837 o seu antigo patrão e mestre, seguro da firmeza e prudencia do gerente que o substituiu em casa de tão avultadas transacções, e de tão largas relações na Europa, deixou as praias do Brasil e regressou a Inglaterra.

Correspondeu a fortuna á acertada direcção do sr. Ireneu. A casa do Brasil prosperou, e o seu chefe veio á Europa em 1840 abraçar o seu antigo amigo e protector. Aqui pondo em commum o conhecimento e pratica dos negocios por ambos adquirida, resolveram fundar em Manchester uma casa commercial, sob a direcção do sr. José Henrique Reynell de Castro, amigo do sr. Carruthers, e filho do doutor Miguel Caetano de Castro, physico mór do sr. rei D. João vi. Essa casa ainda existe em Manchester com a firma de Carruthers de Castro e Comp.^a

Tinha o sr. Ireneu uma unica irmã casada, mas que depressa enviuvára. Em 1835 quando ia ser sócio do sr. Carruthers, mandou-a vir para o Rio de Janeiro com a filhinha que do consorcio lhe ficára, e em 11 de Abril de 1841 se casou com sua sobrinha, apenas voltou da viagem á Europa. A senhora baronesa de Mauá chama-se D. Maria Joaquina de Sousa.

No meio das lides complicadas do commercio o sr. Ireneu não esquecera que era natural da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul. Desde longo tempo lhe andavam no pensamento os interesses da terra natal, e a deliberação de aproveitar a primeira conjunctura apropriada para os favorecer.

Fazia-se então o commercio da provincia do Rio Grande com a Europa, por intermedio do Rio de Janeiro, e com grave prejuizo dos conferraneos do sr. Ireneu. As mercadorias europeas que lá chegavam, iam sobre carregadas com a commissão e lucros da praça intermedia, e com o preço dos fretes que o escasso numero de embarcações de cabotagem elevava então demasiadamente. A venda dos productos da provincia estava sujeita a condições iguaes.

O sr. Ireneu em 1845, estabeleceu no Rio Grande uma importante casa commercial, e entregou a direcção d'ella ao sr. Bartlett James, actual empresario da illuminação a gaz no Rio de Janeiro. Este exemplo foi contagioso. Surgiram logo outras casas, e o porto do Rio Grande principiou a ser visitado pelos navios de todas as nações commerciaes, apesar dos perigos e difficulda-



des da barra, obstaculos que o sr. Ireneu procurou destruir quando em 1847 foi ao Rio Grande. Foi elle quem organisou então alli a companhia *Rio-Grandense de reboques a vapor*, que tanto contribuiu para facilitar o serviço da barra.

O estaleiro da Ponta da Aréa no Rio de Janeiro, era propiedade do sr. Ireneu desde 1846. Achava-se provido de officiaes de fundição, de caldeireiros e de machinistas e tão outro do que fóra em outras mãos, quanto o exigiam as necessidades, cada vez maiores, da navegação e do commercio. A aquisição do estaleiro e o seu melhoramento e perfeição, eram serviços importantissimos em um paiz inteiramente desprovido de estabelecimentos d'este genero. O governo brasileiro teve occasião de o conhecer, quando obrigado a apromptar repentinamente differentes vasos de guerra, achou valioso auxilio no estaleiro particular do sr. Ireneu.

Não sei se o habito de Christo com que 'nesse anno o agraciaram, foi dado em recompensa d'este serviço especial, ou em attenção ao conjuncto de tentativas uteis de que o sr. Ireneu fóra fecundo promotor. Fosse qual fosse o motivo, é certo que o governo não esqueceu os serviços do negociante patriota, nem desattendeu á voz geral que proclamava a capacidade e merecimento do sr. Ireneu.

'Nesse mesmo anno tendo os negociantes do Rio de Janeiro de escolher presidente para a commissão da Praça do Commercio na falta do conselheiro Ignacio Ratton que durante muitos annos exercêra aquellas funcções, deram ao sr. Ireneu um testemunho de confiança elegendo-o para esse honroso encargo. Estimado da classe commercial e bem quisto do governo, foi chamado alguns annos depois, a coadjuvar a organização dos regulamentos necessarios para a execução do codigo penal, e o seu serviço 'nessa materia mereceu que o governo o remunerasse em 11 de maio de 1851 com o grau de commendador da Ordem da Rosa em que o sr. Ireneu era já official.

O anno de 1851, é de boa recordação nos fastos economicos e financeiros do Brasil. A repressão da escravatura produzia grande abundancia de capitaes, que se não achassem emprego no Imperio, iriam forçosamente procural-o fóra d'elle. Foi então que o sr. Ireneu fundou o Banco do Brasil, que tres annos depois se uniu com o Banco Commercial, servindo ambos de nucleo á primeira instituição de credito que hoje existe no Rio de Janeiro, da qual o barão de Mauá é um dos maiores accionistas.

A historia d'estes estabelecimentos de credito, que succederam a outros, e a sua influencia benefica na prosperidade do



Brasil requereria largas paginas, de grande curiosidade sem duvida, e de proveitosa lição, mas que se não podem escrever agora aqui. Basta-me notar a iniciativa que nesses negocios coube ao sr. Ireneu, e como impellido do seu amor á patria, e fortificado nas suas idéas pelo estudo pratico do commercio e da industria, se não contentou com o que já era sufficiente para poder legar a seus filhos um nome honrado que a historia economica e financeira do Brasil se não podia esquivar a registrar com louvor especial.

Com effeito o sr. Ireneu logo em seguida á fundação do Banco do Brasil, creou a companhia de illuminação a gaz do Rio de Janeiro, a do caminho de ferro de Petropolis, e a da navegação e commercio do Amazonas. A energia do sr. Ireneu, dado o primeiro impulso, que o levára a fundar uma casa em Manchester e outra no Rio Grande do Sul, não parou mais, e se empregou nos assumptos cuja importancia está indicando a denominação d'essas companhias.

Em 30 de abril de 1854 inaugurou-se o serviço do caminho de ferro de Petropolis, e silvou nos ares pela deligencia do sr. Ireneu, o assovio da primeira locomotiva que correu no sólo brasileiro. Quiz o Imperador deixar na familia do fundador da companhia memoria grata d'esta solemnidade nacional, e concedeu ao sr. Ireneu Evangelista de Sousa o titulo de barão de Mauá.

O estabelecimento da Ponta da Aréa tambem foi entregue a uma companhia fundada pelo barão, em que elle conservou o maior numero de accões e a direcção superior.

A direcção da casa do barão de Mauá era já mais financeira do que mercantil. O successor de Carruthers começára em negociante de grosso trato, mas as necessidades da patria foram-o insensivelmente transformando em banqueiro. D'esta nova situação nasceu muito naturalmente o estabelecimento em 1854 da casa de Banco de Mauá Mac-Gregor e Comp.^a dirigida por elle e pelos seus dois amigos João Ignacio Tavares e Antonio Ribeiro Queiroga, e com uma casa filial em Londres a cargo do sr. A. D. Mac-Gregor, assim como a fundação da casa Mauá e Comp.^a no Rio da Prata.

Desde esse praso as transacções feitas sob a firma do barão de Mauá tiveram por área todas as praças commerciaes do mundo, e lhe grangearam o credito universal que tem sabido conservar.

Em 1856 obteve a concessão do caminho de ferro de S. Paulo por 90 annos com 7 p. c. de juro, e dois milhões de libras esterlinas de capital. A companhia foi organisada em Londres. O barão de Mauá ficou sendo um dos principaes accionistas, como

fez na de Pernambuco, e em todas as emprêzas de utilidade nacional.

Este concurso directo e real dos capitaes proprios é que distingue o industrial sincero do fabricante de ratoeiras financeiras e economicas. Este alcança concessões para as vender inteiramente, ganhando a differença e sem lhe importar com o resultado da empreza. Aquelle convida os capitaes alheios a auxiliarem os seus, mas fica na brecha com a sua pessoa e com os seus bens a zelar a vantagem publica do intento, e os interesses dos que acudiram á sua voz. Um é egoista improductivo. O outro productor fecundo, patriota esclarecido e homem honrado.

Cada anno que passa vê uma nova empreza do barão de Mauá ou algum desenvolvimento util das anteriores. Em 1858 contractou com o governo a construcção de um canal que servirá de communicação entre o centro do Rio de Janeiro e o mar. É obra grandiosa cujos pormenores apenas resumidamente posso apontar.

O canal deve ter 55 palmos de largura, 11 de profundidade e 325 braças de extensão, desde a ponte do Aterrado até perto do Rocio pequeno. Ahi ha de terminar em uma bacia de 100 palmos de largura sobre 200 de comprido, junto á qual haverá um bazar. Seis pontes devem dar passagem e communicação entre os dois lados do canal cuja conclusão está fixada para 1862. O mangue da cidade nova, que o canal atravessa transformar-se-ha de sitio insalubre e infecto em formoso bairro do Rio de Janeiro.

No mesmo anno de 1858 fundou no Rio Grande e em S. Paulo casas de descontos e operações monetarias sob a firma de Mauá e companhia, concluindo a 28 de dezembro um contracto financeiro com o Estado Oriental do Rio da Prata. Nessa operação a divida publica foi reduzida de cem milhões de pesos a cinco com o juro de 6 p. c., negociação que as camaras approvaram a 27 de junho do anno seguinte.

Os factos que narrei mui succintamente mostram que o barão de Mauá é intelligente, dedicado, zeloso do bem publico, e emprehendedor. Os que o conhecem de perto asseveram que é de probidade immaculada, generoso, de grande bondade, e excessivamente modesto. Dizem que o seu nome é mui popular no Brazil, e que são numerosas e nem sempre devidamente gratas as pessoas que lhe devem quanto possuem.

A sua provincia natal clegeu-o ha annos seu representante no parlamento brasileiro, e ali foi ouvida a sua voz nas questões de liberdade commercial e de desenvolvimento da industria.

Quando ha pouco tempo o Imperador se dignou de elevar o barão de Mauá a dignatario da Imperial Ordem da Rosa, o corpo

do commercio do Rio de Janeiro nomeou uma commissão composta de negociantes de todas as nações, para o irem felicitar em seu nome, e offerecer-lhe as insignias do novo grau em diamantes, testemunho dos sentimentos da classe mercantil, que decerto não foi menos grato ao barão de Mauá do que o acto mui lisongeiro da munificencia do Soberano.

É o barão de Mauá commendador de Christo pelos serviços que prestou em 1853 na envasão do *cholera*. É tambem presidente da Imperial Sociedade Amante da Instrucção; administrador da Santa Casa da Misericordia, vice presidente do Instituto Fluminense de Agricultura por nomeação Imperial, e socio do Instituto Historico-Geographico do Brazil.

III

De todos os homens celebres se referem innumeraveis anedotas. A curiosidade publica não desvia os olhos d'elles, e registra as suas minimas acções. Às vezes a malignidade inventa algumas ao passo que a benevolencia lhes attribue outras, que lhes não pertencem. Do que se diz na Europa ácerca de Rothschild podia compôr-se um livro. As histórias que se narram ácerca do barão Sina, da sua opulencia e generosidade são quasi fabulosas.

Eu possuo uma grande colleccão de notas curiosas ácerca dos actos cavalheirosos do barão de Mauá. Não as posso aproveitar todas 'neste logar, mas sempre escolherei algumas das mais modestas em que o character do homem se desenha com traços bem visiveis, sem apparatus theatral, nem exaggeração affectada.

Teve o barão de Mauá uma celebre questão judicial no Rio de Janeiro, na qual figurou como advogado da parte contraria um homem notavel que lhe devia uma quantia avultada. Escandalisaram-se com este facto muitos amigos do barão, e instaram com elle para que lhes dissesse se com effeito era credor do advogado contrario, e no caso de o ser para que exigisse o reembolso immediato. Apesar do que esse adovogado disse e escreveu contra o banqueiro brasileiro, nos livros da casa ainda no anno passado estava o nome d'elle como devedor.

'Nesse mesmo pleito um dos juizes commerciaes votou contra o barão. Chegado o praso da eleição, os amigos de Mauá instaram com elle para que se puzesse em campo contra o juiz que lhe não fizera justiça. O barão não acceitou o conselho, nem compareceu na eleição. O corpo de commercio todavia não reelegéu esse homem.

Quando a provincia da Bahia padeceu os horrores da fome, e

povoações inteiras emigraram do interior para o littoral organizou-se logo no Rio de Janeiro uma commissão de bahianos para reunir donativos com que acudissem áquella infeliz provincia. O Imperador subscreveu com dez contos de réis. Um capitalista com quatro contos. Dois com dois contos. Sete com um conto de réis, e os outros com sommas inferiores a esta. O total das subscrições excedia já a quarenta contos e o nome do barão de Mauá não apparecia na lista. Murmuravam os menos generosos, calavam-se com magoa os homens de consciencia, e admiravam-se todos d'esta omissão singular. Alguns attribuiam-a a não ser o barão bahiano, mas natural do Rio Grande. Outros inventavam outras causas. Nenhum acertava com a verdadeira. As cartas da Bahia vieram suspender estes juizos temerarios. O barão de Mauá logo que lhe foi conhecida a situação da Bahia, mais cedo do que os outros subscriptores, e sem inscrever pomposamente o seu nome nos jornaes, ordenou ao seu correspondente 'naquella cidade que contribuisse para o soccorro dos necessitados com dez contos de réis.

Estes tres factos são para mim de grande importancia porque versam sobre duas paixões que os homens ricos da classe commercial nem sempre sabem dominar, *a vingança e a vaidade*. Feliz o barão de Mauá que póde ter as virtudes da sua nobre profissão, e escapar a acção terrivel d'esses dois defeitos!

IV

Eu creio que na Europa ha banqueiros honestos, empresarios sisudos e muitos negociantes honrados. Sei que os ha tambem no nosso reino, mas poucos no continente europeu, e nenhum em Portugal fundou, dirigiu, aperfeçoou, e levou ao cabo tamanho numero de empresas e de tão avultada importancia como o barão de Mauá,

Quando a voz do magistrado francez pronunciando a sentença dos banqueiros Julio Isaac Mirés e Felix Solar, dizia ao mundo que 'naquelles bancos da policia correccional vinham acabar os fundadores e gerentes de empresas tão nomeadas, e quando este triste exemplo provocava a desconfiança publica ácerca de todos os directores de companhias, approuve-me ir buscar ao Imperio do Brazil um capitalista tão energico como Mirés no intento de coisas uteis, igualmente sabedor dos segredos economicos e das theorias do credito, não menos habil em applicar a sua actividade a variadas empresas, mas honrado e leal na escolha dos meios, probo e honesto na administração dos capitaes alheios, e

digno da particular estima da sua classe, dos seus compatriotas, do seu governo e do Soberano do Imperio.

Folguei de o encontrar entre os nossos irmãos do Brazil, na terra onde se falla e se escreve a nossa lingoa, onde corre nas veias de muitos o sangue portuguez, onde as tradições da nossa historia merecem geral veneração, como recordações de familia, onde a classe commercial conta no seio seu grande numero de compatriotas nossos, onde impera a linha varonil da dynastia de Bragança, e onde finalmente brilha no estandarte nacional sobre a cruz da ordem militar de Christo o auspicioso emblema do nosso afortunado rei o sr. D. Manoel.

A confraternidade entre Portugal e o Brazil é verdadeira e real. São dois irmãos que constituiram casa separada, e familia distincta, mas que não esqueceram a origem commum e o grau tão proximo de consanguinidade em que estão. Os brasileiros não são para nós como os hespanhoes a quem em vez de irmãos podemos chamar primos em decimo quarto gráu, a contar dois graus por cada seculo, que é o menos que se póde admittir no calculo da successão continuada das gerações humanas.

O barão de Mauá é um capitalista que honra o Imperio do Brazil, cujo filho é, e a familia portugueza, de cuja raça procede. O logar que hoje occupa na *Revista Contemporanea* de Portugal e Brazil competia-lhe por direito incontestavel.

Paris 3 de Agosto de 1861.

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

A ERMIDA DE CASTROMINO

IV



pessoa que mais frequentava a casa do respeitavel negociante coimbrão, era Henrique de Mello, filho unico do mais antigo fidalgo de Coimbra, e parente mui proximo dos Osorios, dos Abreus, dos Coutinhos, dos Britos, e da nobreza toda da cidade.

Ninguem estranhava a assiduidade das suas visitas. Estavam no costume de o verem entrar ali como se fosse da familia Oliveira, e sabiam a causa de trato tão intimo.

O nascimento de Henrique não proviera de união abençoada pela Igreja. Seu pae, freire da ordem de Aviz, succedera na casa por morte de dois irmãos mais velhos. Era anti-

gamente usual nas familias nobres da provincia, deixarem dois filhos para assegurarem a successão, e repartirem os outros pelas ordens militares ou monachaes, onde os noviços iam encontrar tios veneraveis pela idade e pelos cargos que exerciam, e reunir-se com outros jovens fidalgos mais ou menos parentes seus.

Tinha o pae de Henrique preferido a ordem de Aviz á de Christo e á de Santiago por tradicção de familia. Os Mellos de Coimbra lisongeavam-se de descender de El-Rei D. João I, e em memoria do Mestre de Aviz não professavam em outra ordem. Depois que succedeu nos morgados e mais bens de seus paes, esteve inclinado a passal-os

a José de Mello, seu irmão mais novo, casado com uma herdeira rica do Espinhal. Veio porém a namorar-se de certa senhora ainda parenta sua, e resolveu pedir ao Papa dispensa dos votos religiosos para poder cazar com ella.

Do amor e da esperança da dispensa, nasceu Henrique. No principio ninguem sabia da existencia d'este menino, mas a final o pae não pôde viver separado d'elle, e mandou-o vir para casa. Ahi começaram os rumores, e Roma sem dar a dispensa. O pae de Henrique foi a Italia; porém encontrou grandes difficuldades, até que a final depois de ter dispendido sommas avultadas, obteve a dispensa por intercessão do bispo de Coimbra. Andava então Henrique nos seus desoito annos.

A bulla pontificia veio encontrar o fidalgo de Coimbra no leito da morte, e seu irmão José de Mello a querer-se-lhe installar em casa, como herdeiro e immediato successor. Apesar d'estas duas circumstancias realisou-se o casamento, dispensando o bispo nos pregões, e D. Barbara Coutinho, mãe de Henrique, assistiu aos ultimos instantes da vida do amante, já espoza legitima.

José de Mello intentou uma demanda para annular o matrimonio, conseguiu entrar de posse dos bens situados nas provincias, e requereu embargo judicial nos dinheiros depositados no Banco. Ficou Henrique no gôso da casa onde morrera o pae, e disfructando uma pensão alimenticia arbitrada com mesquinhez pelo juiz. Os jornaes ralharam muito de José de Mello, aggrederam o juiz com inaudita violencia, e clamaram justiça em favor do orphão e da viuva, mas o vento levou pelos ares essas folhas, e o que estava feito, feito ficou. José de Mello pertencia ao partido ministerial de então, que me não recordo qual era.

Henrique tinha pensamentos nobres e grande energia. Esta perseguição desenvolveu ainda mais tão excellentes qualidades. Aconteceu-lhe, como succedêra ao autor do Genio do Christianismo: Adormeceu rapaz, e acordou homem. Aos desoito annos procedeu com a madureza dos quarenta.

Vendo quão poucos meios lhe restavam para sustentar a D. Barbara, deliberou seguir carreira que lhe proporcionasse emprego constante e util em qualquer parte. Escolheu a profissão de medico para a qual apenas tinha os estudos preparatorios; porém como o curso era longo e dispendioso, foi procurar o sr. Manoel de Oliveira, e offerecer-se-lhe para secretario nas horas que o estudo lhe deixasse livres.

O negociante gostou da deliberação do rapaz, e, ou porque descobrisse 'nelle o germen da energia incansavel que o enriquecêra, ou porque se lembrasse da amizade que tivera com o pae de Henrique, acceitou a proposta, dizendo-lhe que o reservava para as cartas mais particulares, e que só carecia do seu trabalho ás 4 horas da tarde, e

até ás 6. Desde esse dia Henrique de Mello teve entrada franca no gabinete de Manoel de Oliveira, convite permanente para jantar aos domingos, e cincoenta mil réis por mez.

O trabalho no começo era nullo. O negociante acceitára o pretexto para ajudar Henrique a formar-se, sem parecer dar-lhe uma esmola. O ordenado era pago pela mão do proprio Oliveira, e lançava-se nos livros como dinheiro para gastos particulares do dono da casa. O bom velho envergonhava-se de ter por escrevente um dos primeiros fidalgos de Coimbra, e o que mais pedia a Henrique era que o não revelasse a pessoa alguma.

O rapaz sorria, mas principiava a sentir repugnancia em receber cincoenta mil réis mensaes sem trabalhar. Por fim, tão combatido se viu d'este sentimento de justa delicadeza, que se despediu do sr. Oliveira, declarando-lhe os motivos. O negociante ficou encantado da nobreza de tal procedimento, e para evitar que Henrique renunciasse o ordenado, deu-lhe cinco ou seis cartas para responder conforme a apostilla escrita, á moda de Philippe II, na parte superior da margem.

O theor das respostas maravilhou o velho exportador de vinhos. Não só era ajustado ao assumpto e na linguagem concisa e clara que os negocios commerciaes requerem, mas indicava que Henrique não tinha perdido o tempo que passára no gabinete de Manoel de Oliveira a tomar conhecimento, quasi casual, dos negocios da casa. Parecia que nunca haviam corrido por outras mãos.

D'ahi por diante Manoel de Oliveira e Henrique de Mello foram como dois socios. O ordenado subiu a cem mil réis, e o secretario particular foi respeitado pelos empregados do escriptorio sem differença do patrão. O negociante não resolvia negocio em que o não tivesse consultado. Era voz geral que o ia educando commercialmente para mais tarde o cazar com a filha.

Entretanto correram os annos; o mancebo formou-se, e tomou o grau de doutor em medicina. Manoel de Oliveira foi padrinho do capello, e correu com todos os gastos da funcção. A esse tempo a demanda com José de Mello chegára ao Supremo Tribunal de Justiça. Ali não foi concedida revista; e tendo a Relação confirmado a sentença da primeira instancia favoravel a D. Barbara, seguiu-se a restituição de toda a herança paterna a Henrique.

Assim quasi simultaneamente o sobrinho de José de Mello, depois de ter provido com o trabalho proprio á sustentação decente de sua mãe, de ter completado com distincção a carreira scientifica, e de se ter iniciado nos negocios mercantís, achava-se possuidor pacifico da casa de seu pae, senhor de grandes capitaes accumulados no Banco, e credor do tio pelo rendimento das propriedades ruraes durante oito ou nove annos, que montava a algumas dezenas de contos de réis. Era

incontestavelmente o proprietario mais abastado do districto de Coimbra.

Aqui é necessario dizer para esclarecimento e ensino de leitores pouco experimentados nas miserias da vida humana, que os primos mais chegados, e os mais affastados, quando o viram fazer-se medico contra o ridiculo preconceito da nobreza velha, viver com Manoel de Oliveira, e escrever no gabinete, como se fosse caixeiro d'elle, e correr risco de não succeder na caza, gritaram que bem se via que era bastardo, e que teria que vêr se a casa dos Mellos Senhores Donatarios de Alpalhão ia a um doutor sangrado. É inutil accrescentar que nunca mais lhe tiraram o chapeo; e quando fallavam d'elle, chamavam-lhe: *O tal senhor que se intitula Henrique de Mello*. Boa gente!

Desde que a demanda esteve em caminho de se decidir a favor de Henrique, o sangue começou a fazer o seu dever. Dos parentes, muitos já o saudavam na rua. Alguns paravam para lhe fallar. Primo, chamavam-lhe mesmo os que o não eram, e todos caprichavam em apregoar os dotes de Henrique nos logares mais publicos d'onde a noticia pudesse chegar ao conhecimento do mancebo. Excellentes primos!

Elle que não se agastára com o desprezo dos parentes, tambem não exultou com a mudança. Aquelles que na occasião do vencimento da demanda lhe deixaram bilhetes para elle, e para a mãe, foi em tempo competente deixar o seu que dizia

Henrique de Mello

Doutor na Faculdade de Medicina

qualificação que ainda fez arrefecer a algumas tias velhas o precioso sangue wisigothico que lhes girava nas veias.

Foi por este tempo que D. Anna de Oliveira veio para a cidade. Henrique foi-lhe apresentado pelo pae logo no primeiro dia. «Aqui tens o meu amigo mais fiel, disse o velho negociante á filha, e o meu «companheiro de trabalho nos negocios da caza. Tem cabeça de com-
«merciantes e coração de principe.» O mancebo curvou-se com respeito deante de D. Anna apertando com affecto a mão que Manoel de Oliveira lhe dera no acto da apresentação.

Henrique, desde que se doutorára, não quiz mais receber ordenado; e agora, com o vencimento da demanda, a administração dos bens paternos dava-lhe larga occupação durante muitos mezes de cada anno. Todavia o velho aproveitava as occasiões todas para o instruir ácerca do que ia succedendo, e para o consultar a respeito dos negocios mais importantes. «Este rapaz, dizia elle á filha, é que é o verdadeiro negociante. Se não fosse o que elle sabe do que chamam agora economia politica, e sciencia do credito, eu nunca havia de passar de ten-
«deiro, nem as transacções da caza teriam chegado a ponto de se po-

«der dizer sem mentira que a Annica de Oliveira é o melhor casamento das provincias do norte.»

As ausencias prolongadas a que a successão paterna obrigava Henrique, foram espaçando as conferencias, até então diarias, e a final Manoel de Oliveira mal ousava fallar de commercio ao senhor donatario de Alpalhão. Quando este saía da sala, no fim de cada serão que ali ia passar, sempre o velho exclamava: «Grande homem de negocio se perde 'nesse rapaz! É lastima que seja tão fidalgo e tão rico!» E dava um prolongado suspiro.

Henrique ouvia-o com respeito de filho; estimava-o como quem conhecia bem a alma honrada e nobre d'aquelle bom velho; e inspirado pela gratidão devida aos beneficios recebidos de Manoel de Oliveira, aconselhava-o com prudencia, interesse e lizura. Quando a administração dos bens proprios entrou em andamento regular e lhe permitiu demorar-se mais tempo em Coimbra, era Henrique que provocava as confidencias mercantis do seu antigo protector, delicadeza que afastava de Manoel de Oliveira os receios com que se acanhava e lhe enchia o coração de jubilo.

A intimidade entre D. Anna e Henrique estabeleceu-se rapidamente. A variada instrucção do joven doutor ministrara á ambos interminaveis assumptos de conversação curiosa e agradável. A veneração filial para com o velho, era commum. As idéas acerca do cumprimento fiel dos deveres domesticos e sociaes, eram identicas. Demais Henrique era bom cavalleiro; D. Anna não podia escolher companheiro melhor para os seus passeios de manhã.

Estas circumstancias apropiadissimas para crear quasi de repente grande intimidade, teriam produzido de certo, por serem tão absolutamente uniformes, mutuo aborrecimento e cansaço — que é a peor entre todas as situações da alma, nas relações dos dois sexos — se o genio e temperamento de cada um, não fosse inteiramente opposto.

Henrique, á força de occultar a propria tristeza, e de estudar o modo mais agradável de distraír a mãe, adquirira habitos de jovialidade discreta mas constante, e um certo desapego das coisas d'este mundo, que parecia velhice antecipada e era unicamente superioridade de razão. A mathematica, a sciencia medica, e a pratica dos negocios commerciaes, acostumaram-lhe o espirito a procurar e a aceitar a verdade, e as suas consequencias rigorosas. A desventura não lhe azedou o animo, mas ensinou-lhe a conhecer os homens. Alegre no tracto ordinario, circunspecto e inflexivelmente logico nos assumptos sérios, inabalavel nas resoluções, sem desprezar a occasião de se esclarecer, e em idade tão pouco adiantada, largamente enriquecido com as licções da experiencia, era todavia de sensibilidade extrema, e dotado de excellente coração.

A filha de Manoel de Oliveira nunca se consolára completamente da perda da sua querida mãe. Sem manifestar uma dôr eterna que a sociedade tem direito de limitar, conservára tendencias melancolicas em que o sentimentalismo inglez se robustecia com a paixão arabe. A sua postura habitual era languida e triste. Os olhos serenos e transparentes, como as aguas do Mondego, miravam com doçura e carinho saudoso. A alma que d'elles reflectia, como atravez da corrente scintillam as arêas doiradas no fundo do rio, era innocente, sincera e angelicamente amavel. Os cabellos loiros davam á suave physionomia de D. Anna o tom celestial dos cherubins de Murillo.

A conversação frivola e alegre perturbava cruelmente os extasis involuntarios da filha de Manoel de Oliveira, e causava-lhe a sensação que produz um instrumento desafinado por entre os sons harmonicos e concertados da melhor orchestra. Pelo contrario os assumptos sérios despertavam-a agradavelmente, e convidando-lhe o espirito a cogitações sisudas, affugentavam e substituiam a tristeza quasi natural do seu genio.

A languidez desaparecia. A physionomia animava-se. Os olhos reviviam, e até os cabellos pareciam obedecer mais gratamente á delicada mão que os affastava das faces, como se quizessem deixar ver na plenitude da sua manifestação sincera os sentimentos que o rosto revelava sem disfarce. E a alma ardia no mais intenso fogo de dedicação filial, de pensamentos affectuosos, de desejos nobres, de benevolencia permanente, e do amor da humanidade que as desditas e a experiencia do mundo quasi sempre vem a transformar em egoismo odioso.

Henrique era quem melhor sabia attrair a attenção de D. Anna. Procedia gradualmente, como se desejasse ser cumplice da tristeza que ella manifestava, e insensivelmente lhe ia excitando na alma sensações vehementes de contentamento e de enthusiasmo. Se casualmente se affastava d'este systema para dar largas aos habitos de jovialidade, o espirito da donzella contraía-se como a sensitiva e patenteava signaes visiveis de mortificação e desgosto.

O antagonismo de dois caracteres tão d'ifferentes estreitou mais a intimidade entre D. Anna e Henrique. Em breve foram como irmãos. A affeição que a uniformidade de certos dotes creára, e que a diversidade de genio desenvolvêra, era já amor, e profundo, sem que nenhum d'elles o tivesse ainda suspeitado. São as indoles oppostas as que mutuamente se ligam em mais apertado laço. Obedecendo ao instincto natural do aperfeiçoamento talvez nos parece completarmo-nos, fundindo a nossa existencia 'naquella em que encontramos as qualidades que nos faltam.

O amor é como as revoluções: como ellas, nasce de causas que os interessados quasi desconhecem, prepara-se e desenvolve-se em silen-

cio, e manifesta-se na hora em que a área da sua actividade por aca-
nhada e estreita o não póde conter. Então o motivo menos plausivel,
a mais insignificante casualidade lhe servem de pretexto, e se expande
com força proporcional á compressão anterior. Assim aconteceu aos
nossos dois jovens.

Uma noite em que o espirito jocosos de Henrique, ainda mais vivo e
brilhante que de costume, azedára o animo de D. Anna, a filha de
Manoel de Oliveira deixou a cadeira em que estava perto de Henrique,
e foi sentar-se quasi lacrimosa junto da mesa onde o pae jogava o
whist. Estes despeitos, estas pequenas grosserias, são sempre um pe-
nhor de affecto. Quem as pratica, já sabe as affectuosas compensações
a que se obriga.

Henrique abriu um grande livro com estampas que rodeado de *al-
buns* e de pequenos volumes ricamente encadernados sobresaía aos ou-
tros todos, e ficou a folheal-o sem saber o que fazia. Era o volume
dos Quadros Historicos do nosso grande poeta e não menos insigne
prosador Antonio Feliciano de Castilho, livro que todas as casas por-
tuguezas deviam ter no logar mais honrado d'ellas, em logar dos ro-
mances de George Sand ou de Ernest Feydeau, como na casa do chris-
tão deve estar o Evangelho.

A partida do velho já tinha acabado; a contagem dos tentos e as
pagas fám concluir, e ainda Henrique folheava. A final teve de acor-
dar d'este agitado lethargo para se ir embora. Era tarde, e pela ma-
nhã cedo havia de ir acompanhar D. Anna em um passeio pela mar-
gem direita do Mondego.

— Então sempre passeiamos a cavallo de manhã, disse Henrique
com voz pouco firme ao despedir-se da filha de Manoel de Oliveira.

— De certo, se me quer acompanhar, respondeu D. Anna com um
sorriso mal aberto que parecia pedir perdão e receiar não o alcançar.

— V. Ex.^a bem sabe que eu estou sempre ás suas ordens.

— Pois então ás oito horas aqui sem falta.

— Serei exacto. Até amanhã.

O aperto de mão com que D. Anna correspondeu á despedida de
Henrique foi mais affectuoso e mais cerrado do que nunca. O arrufo
de um quarto de hora valéra por dois annos. D. Anna começava a
obedecer á lei fatal das compensações amorosas.

V

São bellas as margens do Rheno desde Moguncia até Colonia, as do
Sena, as do Garona e as do Rhodano ostentam maravilhas com que a
natureza e a arte em competencia as enriqueceram, porém nenhuma
são tão encantadoras e tão opulentamente viçosas como as do Mondego

ali perto de Coimbra. Em nenhuma outra parte da terra a natureza sorri com tanta suavidade o com tamanho amor.

Os portuguezes aprendem nas viagens a estimar a belleza dos nossos horisontes, a qualidade uberrima do terreno, a constante amenidade do clima, a limpida transparencia de alguns dos nossos rios, a vigorosa e tumida corrente de outros, a riqueza e variedade da vegetação, e a luz que inunda de claridade a serra, o valle, a varzea e a collina. De mim digo, com verdade, que ainda não vi na Europa cidade, rio e campo, que me fizessem esquecer aquelle precioso pedaço de terra portugueza que o Mondego banha de suas aguas christallinas desde a quinta da Boavista, á qual fica fronteira na margem opposta a quinta das Cannas, com a sua lapa dos poetas até á Memoria, onde o rio voltando-se, como para se despedir de Coimbra, muda de rumo para o occidente.

A cidade de Ataces reclinada na encosta da montanha, tendo na cabeça por diadema o velho palacio dos Reis de Portugal, onde os bons estudos foram abrigar-se, e estendendo os membros inferiores pela magestosa rua da Sophia, parece estar contemplando affectuosamente as aguas do formoso rio, em cuja margem direita repousa. Nos montes e outeiros visinhos a côr melancolica dos olivae alterna com a verdura e viço dos pampanos. Dos valles sóbe o perfume da flôr da larangeira que a brisa espalha pressurosa, escoando-se ora por entre os olivedos da serra, ora por entre os alamos, choupos e salgueiros que bordam as duas margens da corrente. As quintas e casas com que gradualmente vae acabando a povoação, mais aformoseam o quadro, e como que constituem a côrte e sequito da esplendida rainha do Mondego.

O rio é de inverno alteroso e revoltoso. Comprimidas pelas serranias que desde a origem as apertam e estreitam, aquellas aguas insofridas — como portuguezas que são, e unicamente portuguezas — mal avistam a cidade, alargam-se no alveo buscando ponto mais distante donde melhor a contemplem, mas nem sempre lhes basta o espaçoso leito que lhes preparára ali a natureza. A sua cólera insensata aggride ás vezes com furia desmedida a cidade e o campo, e ameaça com estrepito iroso soverter para sempre a magnifica e extensa ponte que se atreve a disputar-lhe o passo.

Terriveis são as fúrias do Mondego, mas duram pouco. Apenas os rebentões das arvores annunciam a primavera, e a natureza, restaurada dos asperrimos combates do inverno a força primitiva, ordena ás plantas e aos animaes que amem e continuem a obra do Creador, o rio envergonha-se da sua cólera, despede para o mar os alliados que lhe acudiram da serra, e abraça Coimbra pelos pés para que lhe perdoe as demasias da aggressão insensata.

De verão, já esquecida e indultada a insania com que se houvera na

estação invernosa, vel-o-heis passar meigamente junto da cidade a sussurrar-lhe segredos amorosos, e a offerecer a agua saborosa que de mui longe viera filtrando por entre aréas doiradas só para lh'a dar em tributo e homenagem,

Contemplavam outr'ora da margem opposta á cidade, esta deliciosa prespectiva os seraphicos filhos de S. Francisco de Assiz que alli possuíam um convento, e as monjas de Santa Clara que ainda hoje guardam no nôvo mosteiro fundado pelo primeiro rei da dynastia bragançina, os venerandos restos da bemaventurada esposa do sr. rei D. Diniz.

Quão vehemente e pura devia ser a adoração do Creador 'naquelles dois cenobios, um assentado contra a escarpa da montanha, e o outro construido no ponto mais elevado d'ella, mas ambos avistando completo e grandioso o panorama fronteiro! Quem não ajoelitaria perante a magestade divina, só de ver a cidade, o rio, a vegetação e as flôres, e de respirar a fragancia deliciosa d'aquelles admiraveis campos?

Em Coimbra, e nas suas cercanias esmerou-se a natureza no esplendor das galas, e tomou os seus melhores enfeites para disputar belleza ás mais formosas. Tudo respira amor 'nessa terra fadada por Deus, a que os homens pozeram por limites de um lado a *Fonte dos Amores*, e do outro o *Penedo da Saudade*, como se d'estes dois sentimentos — *Amor e Saudade* — tivera de viver captivo quem viesse a passar ali.

E todavia aquelle ar suavemente perfumado não quebranta nem enfraquece. Agita mais o coração do que os sentidos. As asperezas das serras proximas olham para o valle com severidade e parecem recordar-lhe os deveres da virtude. O manto escuro dos olivae na sua tristeza lobrega não deixa esquecer a morte. O amor ali deve ser elevado e nobre como a cidade, puro como a agoa da corrente, e duradouro como a folha dos loireiros e das laranjeiras que verdejam perennemente na campina.

A athmosphera affectuosa de Coimbra encantava a alma sentimental de D. Anna. A voz da natureza em tão harmonioso concerto achava ecco no terno coração da joven conimbricense. O seu espirito delectava-se na contemplação das riquezas naturaes d'aquelles sitios formosissimos, e lia no livro universal da creação segredos que só os entes superiores sabem decifrar 'nelle.

A arvore que obedecendo ao zephyro saudava com repetidas inclinações da cabeça o arrebol da manhã, ensinava-lhe a oração ao Creador que em lingua desconhecida do vulgo ciciavam as suas folhas. O girasol revelava-lhe extremos de affectuosa constancia para com o astro do dia. O arroio que se desviava da corrente, e que serpeando na arêa em multiplicados requebros, vinha confundir-se outra vez no nancial que lhe déra origem, não tinha segredos com ella.

Aquellas vozes em que os outros não attentavam, e que tão distinctas e vibrantes eram para D. Anna, soavam nos seus ouvidos com o encanto da mais deliciosa symphonia de Beethoven, quando nas frescas manhãs da primavera saía a passeiar no campo. Os primeiros raios do sol que as vidraças do convento de Santa Clara reflectiam vigorosamente, pareciam-lhe a benção do Eterno enviada do céu ao começar do movimento mais amiudado da população, e transmittida á cidade pelas mãos innocentes e puras das filhas do Senhor.

Henrique de Mello, que acompanhava frequentes vezes a filha de Manoel de Oliveira nos passeios de manhã, não era esquivo ao influxo d'estes sentimentos. Iniciado pelo estudo nos segredos mais intimos da natureza e dotado de grande sensibilidade sentia delicia igual á que subjugava o coração de D. Anna; porém os habitos positivos da sua vida activa e trabalhosa, defendiam-o das sensações mais profundas e vehementes.

A final o amor transformou-o inteiramente. Já attendia ao cicio das arvores, já traduzia o murmurio das aguas, já escutava o segredo das plantas, já seguia o vôo caprichoso da borboleta, e já procurava entender o vozear confuso da campina e do monte. A innocencia infantil de D. Anna ouvia os louvores do creador na agitação espontanea da natureza. Henrique fazia da creação inteira um throno em que a assentava rainha, e em torno do qual soavam em louvor d'ella todos os canticos da terra.

As vezes passeiavam duas horas quasi, sem proferirem uma palavra, e só acordavam de cogitações tão diversas ao entrarem na cidade, quando o soar das ferraduras dos cavallos na calçada os advertia de que estavam no povoado. Então olhavam um para o outro, e como que se envergonhavam d'esta abstracção, d'esta fraqueza sentimental. Sorriam ambos e recolhiam a caza apressadamente.

O sorriso que parecia entendido mutuamente, em que nenhum dos dois pensou durante muito tempo, mas que cada dia variava as contracções por fórma mais affectuosa e intima, devia mais cedo ou mais tarde acabar em explicação reciproca. D. Anna já corava, quando sorria, porém sem procurar encobrir o rubor. Henrique abaixava involuntariamente os olhos ainda entreaberto o sorriso.

D. Anna perguntava a si propria a razão d'aquelle inexplicavel pejo, mas não acreditava que fosse amor. Tinha lido e ouvido dizer que o amor inquietava e perturbava a alma, e ella não sentia nenhum d'esses crueis effeitos. Sorria sem saber a causa, corava ignorando o motivo, mettia o cavallo a trote largo ao aproximarem-se da cidade sem razão conhecida, e chegando a casa nem de tal se lembrava mais, de modo que lhe roubasse o socego. Não era pois amor. O que seria? Não o podia adivinhar.

Henrique tambem fazia exame da consciencia. Na sua idade de vinte e oito annos não lhe acontecia como a D. Anna. A questão era resolver se a paixão que visivelmente o agitava, era um sentimento digno de si proprio, e da filha do seu protector, ou se era uma allucinação momontanea d'aquellas com que os sentidos enganam traiçoeiramente o coração mais nobre e mais leal. A constancia do seu affecto e a timidez respeitosa com que o occultava, persuadiam-o de que era amor. A experiencia advertia-o de que podia illudir-se.

No dia seguinte ao do arrufo de D. Anna por causa das innocentes jovialidades de Henrique, saíram de casa de Manoel de Oliveira que era perto do Jardim Botânico, passaram o Arco da Traição, desceram a Couraça de Lisboa até á Portagem, seguiram pela calçada até á Sophia, e de lá em direitura á ponte de Agua de Maias sempre a meio trote dos cavallos, e no mais teimoso silencio.

Ali D. Anna a quem Henrique deixára adiantar para lhe contemplar á vontade o garbo do busto e a elegancia dos movimentos, fez parar o cavallo, e esperou pelo companheiro.

— Quer que voltemos pelo campo? Agora já não deve haver agua, disse D. Anna com inflexão de quem perguntava, apesar de que a estação já adiantada da primavera indicava a certeza de se atravessar o campo sem perigo.

— Eu creio que já não ha agua, respondeu Henrique, e se houver, de certo nos ha de franquear melhor passagem do que os israelitas tiveram no Mar Vermelho.

— É singular, volveu D. Anna, o costume que tem de gracejar de tudo, e com todos.

— Com todos não, replicou Henrique em tom submisso.

— Ah! Então é só comigo? Pois olhe que não lhe agradeço a distincção. Já hontem....

— A fiz arrenegar? Não é verdade? Eu não tive intenção de a offender, e se pudesse....

— Bem sei. Bem sei, interrompeu D. Anna. Não me dê desculpas. Eu é que lhe peço que não leve a mal que eu me levantasse, mas realmente quando o oiço gracejar com o que eu digo, julgo que me trata como criança e fico humilhada com isso.

— Pois não gracejarei mais. Serei serio como o governador civil.

— Mas porque razão não é assim jovial para com as outras senhoras. Ainda domingo passado o accusavam de estar cabisbaixo, e de responder com monosyllabos.

— Eu não gracejo senão com minha mãe e com a Sr.^a D. Anna. Com os outros gracejo por dentro que é peor.

— Então comigo está serio por dentro e risonho por fóra. Confesso-lhe que não percebo.

— Nem busque perceber, retrocou Henrique, mettendo o cavallo a galope para o lado do rio.

— Tanto busco que até exijo que m'ò explique, ajuntou D. Anna obrigando tambem o seu cavallo a galopar.

— São coisas que se não dizem se não a quem já as sabe. Veja como vae galhardo, continuou Henrique mudando de conversação, aquelle barco que desce o rio á vella.

— Que me^h importa a mim o barco? Não queira distrair-me d'este assumpto, nem me trate como criança. Diga-me em que consiste essa seriedade interna a meu respeito e da sua mãe.

— Consiste...

'Neste tempo os dois namorados olharam um para o outro e viram o sorriso de todos os dias, mas radiante de paixão affectuosa. Henrique estendeu o braço direito para o lado de D. Anna, e encontrou a mão da esbelta amazona, que vinha ao encontro da sua. Os sorrisos não careciam de explicação mais cabal.

— D. Anna sentiu affoguem-se-lhe as faces, apertar-se-lhe o coração, perturbar-se-lhe a cabeça e fugir-lhe a vista. Se Henrique a não sustivera aproximando o cavallo teria caído. Os creados viram de longe que acontecera algum accidente e metteram a galope, porém antes de chegarem junto dos dois cavalleiros, já D. Anna tinha recobrado inteiramente os sentidos.

— Não foi nada, disse ella olhando amorosamente para Henrique. Agora já póde dizer porque sei tudo. Mas para que me queria obrigar a adivinhar?

— Porque o dever está primeiro que as paixões, e seu pae, Annica, póde não approvar o nosso amor.

— Não seja injusto, Henrique. Meu pae estima-o muito, e ha de regosijar-se de me ver casada com um homem da minha escolha e que já é de casa.

— Se me authorisa, vou hoje mesmo rogar a minha mãe que a peça ao Sr. Manoel de Oliveira. Não quero que elle me accuse de deslealdade.

— Não o authoriso porque sei que meu pae diria logo que sim, apesar de ser contra o seu voto que eu case antes dos vinte annos. Elle diz que é necessario conhecer a sociedade, habituar-se ás suas exigencias boas e más, deixar vir os pretendentes em numero sufficiente, e escolher entre elles o que tiver melhores qualidades. Ora eu quero fazer-lhe a vontade. Authoriso-o pois a dizer-me que me ama, a proval-o, a saber que é correspondido, e a verifical-o, e a examinarmos se 'nesta situação nova encontramos o mesmó prazer que na anterior.

— Mas o disfarce é um martyrio para mim e uma falta de respeito para com seu pae.

— Pois não disfarce. Eu nunca occultei a preferencia amigavel com que sempre o distingui e de que só agora sei o nome, respondeu D. Anna corando de novo. Mas não queira obrigar meu pae ao sacrificio de se separar de mim antes de findar o tempo que elle me pediu lhe concedesse Henrique, elle ama-o como se fosse seu pae. Amemol-o ambos como filhos.

A placidez ingleza d'esta conversação encobria uma agitação extraordinaria na filha de Manoel de Oliveira. O aperto de mão de Henrique causára-lhe o effeito do choque electrico, e a perturbação que sentira em seguida revellára á rica herdeira coimbrã o segredo do primeiro accesso febril da paixão nascente. O prazer de amar, o desvanecimento de ser amada, o goso ineffavel de passar de menina a mulher, o inesperado da manifestação e a novidade da situação, produziam na sua alma innocente e singela uma tempestade cuja violencia era augmentada por mil outras sensações, que melhor se sentem do que se explicam. Henrique espreitava esta transformação do ser feminino, passagem rapida de um a outro periodo da vida humana, e saboreava em extasi delicioso as primicias de tão sincera affeição.

Á entrada em casa os dois namorados datavam de mui longe o sentimento que só então se declarára. Cada attenção reciproca, cada comunicação mais intima, cada prova de confiança, cada testemunho de estima, que até ali haviam sido attribuidos á amisade, paassaram para a conta do amor, e deram-lhe origem na mutua sympathia da primeira entrevista. A paixão é assim!

D'ali por diante Henrique e D. Anna viveram só para se amarem extremosamente. O pae sem adivinhar a verdade, mas sem parecer ignorar-a inteiramente via com gosto a possibilidade de um consorcio que satisfazia as exigencias do amor paternal, os planos do negociante, os desejos e ambição do chefe de familia e até lisonjeava a sua vaidade de burguez.

Os dois annos foram assim correndo insensivelmente, e já faltavam poucos mezes para se completarem. Henrique não augmentára, nem diminuira a frequencia das suas visitas. D. Barbara já adiantada em annos é que vinha mais a miudo a casa de Manoel de Oliveira, onde a sua futura nora a tratava como quem já lhe queria com amor de filha.

(*Continúa.*)

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

FRANCISCO MARIA BORDALLO

Sunt lagrymæ rerum!

V



vida deslisa-se despercebida só para aquelles, que nunca supportaram o seu peso, affrontando-se com os trabalhos.

O que valem os poucos annos e as suaves illusões, que os doiram juncando todos os caminhos de flores, se as vigalias e as fadigas nos envelhecerem na primavera, ou se na idade dos sorrisos e enlevos madrugarem para nós os cuidados, antecipando-se?

Foi o que experimentou o moço official, quando ao beijar alvoroçado a terra da patria veio encontrar desvanecidos todos os sonhos, com que o amor lhe entretinha as pesadas horas do desterro. A sua primeira paixão, como notámos, terminou pela infidelidade de rigor n'estes romances urdidós no despontar das paixões.

Achou casada a donzella, que protestára resistir a seculos de ausencia. Alguns mezes cançaram aquella constancia, que promettera ser eterna. Advertidos por outros desenganos recordamo-nos depois sorrindo d'essas desgraças, tão frequentes

na juventude; mas aos vinte e um annos, qual de nós deixou de suspirar pelo tumulo, unico porto tranquillo para que a phantasia exaltada nos aponta a fim de descançarmos de tão sentidas magoas? Quem ignora quantas lagrimas envergonhadas, quantos suspiros, quantas imprecações custa o despedir-nos d'esses dias, em que se viveo tanto, vendô fugir para sempre, assim se cré então pelo menos, as encantadas miragens interiores, em que a esperança illuminava o radioso futuro de um affecto mutuo e inalteravel?

Cair de tão alto e tão de subito é sempre doloroso; mas cair assim, e logo aos primeiros passos deve ainda sel-o mais. Foi para se esquecer, elle proprio o confessa, que o mancebo procurou affogar na agitação, no ruido, e nas trevas de uma vida quasi dissoluta as recordações, que o dilaceravam. Pouco tempo durou o desvario. Combatiam felizmente contra elle as boas inclinações e os nobres instinctos. A saude deteriorada, e o primeiro momento lucido de reflexão, cedo o avisaram do suicidio lento, mas infallivel, do corpo e do espirito. Acordou, acudiu por si, e os poderes da vontade arrancaram-o por uma vez aos laços d'aquelle perigoso captiveiro.

Foi então, que para se distrahir cursou a aula de economia politica na escola polytechnica.

A eloquencia de José Estevão fóra da tribuna, d'onde a desviára a intolerancia dos partidos, alteava os vãos, explicando as theorias mais elevadas que presidem á formação e distribuição da riqueza dos povos, e gravando no animo do auditorio muitas vezes suspenso a idéa com a opulenta phrase, em que a cinzelára. D'esse tempo conservava o mancebo presente a lembrança, citando com admiração as lições do grande orador, e lastimando que não lhe houvessem consentido aproveitá-las mais.

A morte, que tão cedo tinha de o alcançar, principiou a annunciar-se-lhe, ferindo-o no que mais amava.

O anno de 1843 abriu-se para elle carregado de luto. Sua mãe, que não só estremeceia, mas que adorava, senhora recolhida no culto e modestia dos deveres domesticos, d'essas, tão raras, que occultam as virtudes com recato maior, do que mostram outras em esconder os vicios, sua mãe, a amiga, a confidente da sua existencia cerrou os olhos nos seus braços.

Os que tambem perderam o amor, de que elle ficava orphão, sabem como dóe até ás raizes da alma e do coração esta separação eterna do que ha de mais puro e santo nos affectos humanos.

Desde o primeiro sorriso tão meigo, que desafia a nossa alegria

infantil até ás lagrimas, que em outra idade se juntam com as nossas, desde o balbuciar, em que este doce nome é o primeiro que a boca incerta aprende e profere até ás horas de adversidade, em que lhe vemos compôr o rosto com apparente serenidade, quando por dentro as agonias e os prantos dessimulados se consomem em silencio, que outra affeição entranhavel, absoluta, e extremosa nos acompanhará assim em todos os trances ?

Anjo caridoso para nos velar o berço e nos encaminhar os tremulos passos, mestra tão branda e carinhosa para nos ensinar as primeiras palavras e as primeiras orações, amiga tão sincera e ardente para se entristecer com os nossos revezes, ou se ensoberbecer com os nossos triumphos, o que nos pede, o que lhe damos, em compensação de tantos sacrificios e disvelos, em premio de uma vida inteira de ternura e de abnegação ?

Bordallo chorou sobre aquelle sepulchro as primeiras lagrimas de homem. Muitos annos depois ainda sentia tão funda a dôr d'esta ferida sempre aberta, que segundo affirmava, e se lhe conhecia, poucos foram os dias, em que os espinhos da saudade lhe não pungissem, avivando as magoas, ou em que uma subita recordação lhe não toldasse de repente com os véos de uma tristeza fugitiva, mas penetrante, as horas mais descuidadas.

Em breve novos trabalhos vieram distrahir-o.

É assim a vida. Levantamo-nos de orar sobre uma campa para d'ahi a instantes nos vermos na crista das vagas talvez sacudidos pela tormenta. Na carreira do official do mar os goivos do sepulchro e as rosas do amor hão de colher-se á pressa. Quem pôde dizer aonde o encontrará o sol, quando inundar de luz as immensas solidões das aguas, ou a noite, quando estender sobre ellas e sobre o navio correndo ao largo o seu manto de estrellas scintillantes ?

Foi no mez de abril do anno de 1843, que elle repentinamente recebeu ordem para embarcar na corveta *Urania*, a qual passadas vinte e quatro horas saía a barra para a estação de Africa. Era pouco justo. O official designado á ultima hora passára já alguns annos nas regiões insalubres para onde o enviavam, em quanto outros mais favorecidos não as tinham visto ainda. Além d'isso frequentava uma aula com aproveitamento, a de economia politica. No primeiro impeto de ressentimento o mancebo resolveu perder os sacrificios de tantos annos, pedindo a demissão; valearam muito para o atalhar n'este proposito imprudente as palavras amigaveis do commandante da corveta Pedro Alexandrino da Cunha, aquelle mesmo que tão boa memoria deixou do seu nome na armada e no governo das possessões ultramarinas.

Cheio de benevolencia e experimentado, sabia como os caracteres inteiros e rigidos se abrandam. Poz de lado a voz da auctoridade, que não seria escutada, e propoz ao moço official quasi como obsequio pessoal o acompanhá-lo até Angola, promettendo que na primeira occasião propicia elle mesmo lhe porporcionaria o modo prompto de voltar a Lisboa. Escravo da honra cumpriu depois tudo o que disse. Seis mezes depois Bordallo estava outra vez na capital, regressando no brigue *Audax* commandado pelo sr. Francisco Antonio Gonçalves Cardoso, um dos seus amigos e distincto official.

A vocação litteraria amanhecera para o mancebo com o desabrochar da juventude fortificada pela contemplação de tantas maravilhas, admiradas em mares e climas diversos. Exaltada pelo amor principiára ainda a medo a ensaiar os seus primeiros cantos.

Na puericia a inclinação invencivel nos que nascem predestinados para escriptores tinha-se revelado não sem algum prazer de seu pae, poeta da escola velha, e cultor dos bons modelos.

José Joaquim Bordallo não votava ás musas e ás artes o odio estulto, com que muitos desculpam a sua indigencia intellectual, declamando contra ellas e contra os que as prezam. Lõnge de reprimir, ajudou no filho a propensão natural, sorrindo-se das informes tentativas do seu estro juvenil, e gastando algumas horas consagradas ao descanso em lhe explicar os segredos da fórma, e as varias medidas do rhytmo.

Fructificou a semente. O gosto do mancebo educou-se; a emulação e o desejo de medir as forças decidiram-o a empenhar o engenho em alguma obra de maior vulto. Aproveitando o tempo, que lhe concedia o serviço militar depois de desembarcado pela segunda vez da viagem de Angola, dedicou-se a compôr dramas, genero que era então a corôa de todos, porque as ovações das platéas, os triumphos do palco, e a admiração da imprensa o apontavam como o degrau mais facil de subir para apparecer em grande altura.

Seis peças escreveu entre dramas e comedias, as quaes, mais ou menos, podem todas filiar-se n'este periodo.

Foram: o *Rei ou Impostor*, representado em Lisboa no theatro de D. Maria II e no Rio de Janeiro no de S. Pedro de Alcantara, e depois impresso. O *Alcaide de Faro* — *Ricardo Saváge* — *O Leproso* — *A mulher romantica* — e *faz favor do seu fogo?* Algumas d'ellas chegaram a entrar em estudo e por varios motivos não viram a scena; outras perderam-se, ou nunca saíram da pasta.

Em poesia desconfiava de si. O verso não lhe saía fundido de um

jacto, nem abrazado no fogo da inspiração espontanea. Carecia de apurar em frio as rimas, e de polir os metros. De mais conhecera, que não bastava alinhar quadras e tercetos para merecer o nome e a gloria do poeta. Viu os principios de uma carreira, em que só as aguias sobresaem; ao passo que a queda todos os dias accusa as temeridades de novos Icaros, e absteve-se com prudencia; entretanto nos meus exercicios, ineditos, diz elle sorrindo, tinha-me arrostado com todos os generos desde a epopeia até á charada, e havia tentado todos os metros desde o verso alexandrino até á redondilha.

Por esse tempo encetou a carreira de jornalista politico. As premicias dos que figuraram depois nas lettras com mais lustre foram colhidas com raras excepções pela mão inquieta e febril d'aquella implacavel divindade, que então no maior conflicto das paixões e das inemidades desgrenhava as iras em artigos repassados da ardente cholera, que fervia no seio dos partidos.

Veteranos e noveis alistaram-se em um ou em outro campo, e julgando lutar pelos principios e pelas idéas, na realidade ornavam só o momentaneo triumpho de algum vencedor, que devera á sua penna a derrota dos contrarios: seria difficil hoje repetir a experiencia. A adoração dos nomes proprios não encontra adeptos. Ainda se combate, mas frouxamente; ainda se illuminam de lampadas patrioticas os porticos de algumas folhas; mas ás aclamações de um, ou de outro apostolo mais entusiasmado respondem só o silencio e a indiferença. Felizmente queremos as cousas primeiro e os homens depois. Não é pequeno progresso.

A politica militante não se compadecia com a indole e as inclinações de Bordallo. Seguiu-a sem ardor, e cedo trocou o sabor acre e as commoções pungentes de suas inglorias polemicas pelo estudo e mais repousada escripta dos artigos litterarios.

Collaborador modesto fugia da publicidade, não suppondo ser ainda bastante conhecido para se expôr sem perigo á luz da imprensa, e ao seu juizo muitas vezes contradictorio. De posto em posto elevou-se a redactor em chefe de uma Revista bimensal, e logo o rodeou, vozeando, a plebe de importunos metrificadores, cuja veia inexgotavel era n'essa época o supplicio de quantos dispunham de uma pagina de jornal, porque nenhum cedia em orgulho ao maior engenho, ou se reputava inferior em merito aos mais applaudidos poetas.

Aonde estão hoje essas phalanges tão compactas de arruadores do Parnaso, todos laureados pela admiração innocente das familias e pelo intimo convencimento da propria predestinação?

É provavel que não poucos se hajam arrependido dos sacrilegios metricos, e os estejam expiando curvos sobre o bofete de algum escriptorio, ou de alguma repartição.

Em 1844 appareceu o nome de Bordallo, na *Revista Universal*, como auctor de uma antiga lenda nacional—*D. Sebastião o Desejado*. Precedia-a uma recommendação valiosa redigida pelo sr. Antonio Feliciano de Castilho com aquelles encarecimentos de honra e de amizade, que o inspirado cantor prodigalisava como estimulo aos que encostados ao seu braço se atreviam a affrontar as provas publicas.

Estampar um romance, ou mesmo algumas paginas soltas na *Revista* era para os mancebos d'aquelles annos uma distincção tão apeteçada, que não a trocariam pelo diploma de socios de nenhuma academia. Tinham razão. Não se podia escrever em mais luzida companhia. Mestres e discipulos travaram ali relações que duram ainda hoje, e que talvez sem este nucleo civilizador se houvessem demorado, ou nunca existissem.

Porque decaiu e se sumiu de todo aquelle astro, que por tanto tempo fulgiu com esplendor? São desgraças e descuidos nossos. Faltou-lhe o carinho e a mão de quem o creára; d'ahi por diante esmoreceu.

Foi diante dos palmares africanos, entre calmas e borrascas, que Bordallo concebeu a idéa, e desenhou na phantasia o plano do seu romance maritimo *Eugenio*.

Começado a escrever em Lisboa e posto de parte para lhe preferir outros assumptos, tornou a occupar-se d'elle em 1845 no Rio da Prata, e veio concluil-o ao Rio de Janeiro em 1846, aonde saiu impresso pela primeira vez. A raridade dos poucos exemplares, que ainda restavam, animou o auctor a publicar a segunda edição de Lisboa no anno de 1853, a qual tambem se acha quasi exhausta.

O romance maritimo em nenhum paiz podia ser cultivado como aqui. A patria, o berço dos grandes navegadores, devia abrir ás imaginações fecundas amplos horisontes. As proesas de nossos capitães, a grandeza das scenas da Asia e da Africa, os lances heroicos e quasi sobre-humanos, que assignalaram o valor, a constancia e a fortaleza de tantos descobridores e almirantes nossos, porque não hão de convidar o pincel de algum Cooper, ou de algum Marryatt portuguez?

Infelizmente como notavamos já em 1853, apreciando resumidamente esta primeira e auspiciosa estreia de um escriptor competente para nos fallar do mar e da magestade, que repassa os episodios da vida em tão vasto e sublime theatro, esta bella

provincia da arte moderna não foi percorrida. Por ora só Bordallo a avistou.

Duarte Pacheco, Nuno da Cunha, D. Francisco de Almeida, Affonso de Albuquerque, e tantos vultos mais altos e epicos, do que os personagens animados pelas admiraveis creações do poeta americano e do novellista inglez, ainda esperam por quem os desenhe na tela!

Ao *Eugenio* seguiu-se apoz um intervallo de quatro annos outra obra da mesma indole — a *Nau de Viagem*.

Recolhido, e debaixo das sombras dos arvoredos em uma casinha de campo, aonde moravam a tranquillidade e a ventura, riscou, proseguiu, e terminou dentro de poucos mezes este segundo romance, em que descreveu com mão de mestre em muitas partes a existencia intima do navio, o coração, as virtudes e os defeitos do typo rude e sympathico do marinheiro.

A *Nau de Viagem* foi publicada na *Revista Popular* de 1850 e 1851.

Nas duas tentativas, que ensaiou, e que não são os livros menos originaes e estimados, que estampou, as qualidades do estylo, a firmeza do debuxo, e o vigor das côres accusam grandes progressos dentro de pouco tempo.

Eugenio abraça apenas uma simples viagem a Angola em um navio de guerra; a *náu de viagem*, em mais largas proporções, pinta-nos a longa derrota da India a bordo de uma charrua com passageiros e degradados.

Cada um dos romances sobresae por diversos dotes.

No primeiro respira-se o perfume dos melindrosos sentimentos, que só na idade em que foi idéado se traduzem com verdade. No segundo ha mais observação, mais analyse, e menos poesia. Em um, por entre o quebrar das vagas contra o costado do navio e o sebilar do vento na enxarcia, ouvem-se os canticos de amor, ainda crentes e arrebatados; no outro, os annos mataram as illusões, e o riso mesclado com as paixões do infortunio, e com os relampagos sinistros dos vicios e dos crimes, formam quadros comicos, ou dramaticos, mas já nem balbuciam a lingua suave d'esses idilios, enlevo da juventude, que tão cedo, por desgraça, murcham e seccam as flores de que se teciam a suas grinaldas.

VI

Tornemos a atar o fio da narração, continuemos a acompanhar na incansavel peregrinação o official, cuja existencia errante o destino ha de ainda levar de estação em estação ás rissonhas

paisagens da America, e ás fronteiras do mysterioso imperio, que os antigos viajantes denominaram do Grão-Cathai.

O repouso, que tinha gosado, e de que tão bons resultados soubera tirar, foi de novo interrompido.

Em 17 de maio de 1844 sahiu na fragata *Diana* para conduzir á ilha da Madeira os vencidos na lucta politica.

A viagem devia ser de duas ou tres semanas; durou mais de dois annos.

Foi durante ella, que a fortaleza do animo o salvou de um dos maiores perigos, que ainda atravessára.

Era em novembro. Estava o seu navio ancorado no porto do Funchal. No dia 13 Bordallo recebeu ordem para ir n'uma lancha com vinte e oito homens de tripulação á *Ponta do Sol* afim de seguir e apresar uma embarcação suspeita de contrabando.

Partiu. A manhã rompera linda e serena. Sobre a tarde, quando voltava, o vento principiou a refrescar e as ondas a encrespar-se. A lancha andava pouco, e a escuridão da noite ia cerrando. Com as trevas cresceu o mar e o temporal.

Ao alvorecer avistaram o Funchal e a fragata fundeada, mas os navios mercantes tinham levantado ferro para se abrigarem do outro lado da ilha. Bordejaram todo o dia, consumidos em vãos esforços. com todo o panno largo, em uma embarcação pôdre e carregada. Da *Diana* não lhes podiam enviar soccorro, e de terra menos.

Aproximara-se o occaso, e um brado unisono de agonia solto por todos os infelizes, que se viam perdidos, revelou que percebiam o immenso risco da sua critica posição. A noite descia medonha; o vento rugia ameaçador; continuos escarceos, alagavam o fragil barco. Nem agoa nem mantimentos! Nem um instrumento nautico; nem uma carta, nem uma bússula! «Cada grau de sol, que se mergulhava nas ondas, diz Bordallo, actor e spectador n'este episodio, era uma esperança, que se escoava, era um passo para a morte — morte cruel e affrontosa!...»

A essa hora soldados e marinheiros todos jaziam prostrados uns sobre outros nas cavernas da lancha, já meia de agua. Parecia proximo o ultimo acto de uma d'essas dolorosas tragedias, que só teem por testemunhas as estrellas do céo e as vagas do oceano. A escuridão cada vez se fechava mais densa. Com o ultimo raio da luz, que desmaiava se esvaecia tambem o derradeiro alento dos que ainda esperassem.

Bordallo era sobre tudo um homem de robusto coração e de indomavel vontade. A lucta com os elementos, ou com os obstaculos, encontrava-o sempre firme e decidido. Entretanto, não

podia illudir-se. Não sendo soccorrido (e como o seria no meio do vendaval desfeito?) via perto o seu fim, e o dos companheiros, afeitos a arcarem com os trabalhos sem nunca perderem o animo. Se n'esse momento supremo antevio por vezes viu a sepultura nos abysmos cavados pelo tufão, se a morte lhe acenou de perto com as roxas agonias, segundo a phrase de Garrett, soube ostentar a serenidade apparente que é a nobre e sublime expressão de valor moral.

Nem uma palavra, nem um gesto trahiui as lugubres apprehensões, que deviam assaltar-lhe o spirito.

O terror derrubára aquelles homens rudes e costumados a rir no meio das procellas. De todos só dois se conservavam de pé ainda — o guardião Antonio Manoel, e o velho marinheiro Arsenio, os quaes se revesavam ao timão. Perto do auctor de *Eugenio* assentava-se o guarda marinha, hoje primeiro tenente da armada, o sr. Luiz Caetano de Novaes, e contemplando da pôpa aquelle temeroso spectaculo aprendia ali em presença da morte a conhecer o mar na sua ira.

Depois, de largo silencio Bordallo pediu-lhe o lapis, e em uma tira de papel conservada, que até ao ultimo dia, escreveu: «É a primeira vez na vida que cheguei a ponto de perder a esperança, não a coragem, 14 de novembro 1844.»

Heroica phrase, singela e concisa, como as dizem sempre os homens de acção perante os lances decisivos! A rethorica sempre vem depois. Cambrone tambem não respondeu, como se crê, por um dito classico e quasi epico aos que o intimavam para que se rendesse em Waterloo: Repelliu-os com uma imprecação de soldado e com as armas.

Deus velára pelos que se lastimavam de serem desamparados de sua mão. Um barco de Porto Santo, fugindo á tempestade, passou junto da lancha; com a sua vista renasceu a esperança. Mandando aproal-o, o moço official pediu-lhe um pratico. — «Nenhum de nós o é!» responderam; tentando escapar-se. Se o conseguisse, os que imploravam auxilio necessariamente secumbiam. Sem hesitar seis espingardas á voz do commandante romperam o fogo, e os tiros fizeram apparecer o piloto negado á voz da humanidade. Depois de correrem toda a noite entre vagas furiosas e gritos de misericordia respiraram por fim ancorando á sombra da *Ponta do Pargo*, e ao romper da alva entravam em Porto Moniz, aonde descansaram de tantas fadigas e padecimentos, só bem avaliadas de quem por experiencia conhecer o que são as ancias de tantos homens solitarios no meio do oceano, entre o tremendo embate das ondas, que em cada volta pareciam em-

barcar a morte, e o frenesi da fome, da sede, e da extrema desesperação.

Quando se recolheram ao Funchal, aonde os julgavam naufragados, o commandante da fragata, o desditoso João Maria Ferreira do Amaral, apertando Bordallo contra o peito com o unico braço, que os inimigos lhe haviam deixado, pagou-lhe com uma só lagrima todos os trances e agonias. É que foi talvez a só vez em que mostras de pranto molharam os olhos d'aquelle homem, que todos diriam fundido no molde de bronze dos antigos romanos.

Abreviaremos d'aqui em diante os traços d'este imperfeito esboço.

O que se segue da existencia do amigo, que perdemos, narrou-o elle, melhor do que nós o fariamos, nos livros, que deixou publicados. De que serviria repetir o que o auctor presenciou, ou sentiu, quando elle o descreveu com as côres proprias e com a fidelidade, que era em tudo o timbre do seu character?

A bordo da corveta *D. João I*, que partiu do Funchal para o Brazil, e que encalhára proximo da nossa antiga colonia do Sacramento no banco de Ortiz, o auctor do *Passeio de sete mil leguas*, visitou o Rio de Janeiro. Em Montevideu viu pela primeira vez Garibaldi, então commandante da legião italiana, o qual servia sob as bandeiras do partido dos *colorados*.

Foi-lhe permittido conhecer tambem n'esta occasião o famoso adversario do dictador da Secilia, o celebre D. Manoel Oribe, que então se intitulava presidente legal da republica do Uruguay, e com elle o almirante Brown, chefe da esquadra de Buenos Ayres.

Quem diria ao official portuguez, que a mão de Garibaldi assim apertada nas remotas regiões da America viria ainda a ser tão poderosa, que dispozesse de grandes coróas, e ousasse renovar o edificio derrocado de Carlos Magno e de Napoleão o grande — a unidade da Italia?

Para encerrarmos a lista dos homens eminentes, com quem tractou n'esta viagem, não omittiremos o mysterioso dictador Rozas, nem sua filha D. Manuelita, seductora pelas prendas do spirito, e mais ainda pela persuasiva eloquencia, com que por vezes conseguiu aplacar os instinctos feros, e modificar as vindictas do poderoso despota, que assoberbava a republica de Buenos Ayres.

Tendo navegado em conserva com a esquadrilla brazileira, que de Santos acompanhou o imperador ao Rio de Janeiro, a corveta desfraldou finalmente as velas e seguiu a derrota de Portugal. Bordallo deixava na America um nome bem quisto e lou-

vado. No *Jornal do Commercio do Rio de Janeiro* sahiram estampadas as suas *Impressões de viagem* no Rio da Prata, vertidas depois em hespanhol no *Constitucional* de Montevideu, e por ultimo trasladadas em inglez nas columnas do *Times*.

Voltando á Europa foi nomeado ajudante da companhia de guarda-marinhas em 7 de setembro de 1846, servindo de inspector dos estudantes subsidiados do Ultramar.

No seguinte anno de 1847, depois de uma prohibição imprudente da censura dramatica, de que se originou vehemente polemica, na qual tomaram parte quasi todos os escriptores mancebos, retirado o veto em obediencia á opinião unanime da imprensa, subio á scenã entre applausos a sua peça *Rei ou Impostor?*. Este exito devia estimulal-o a proseguir; pelo contrario parece que lhe inspirou certa desconfiança. Nunca mais se atreveu no palco a pedir as coróas, que tantas vezes o gosto prevertido das plateias tem negado a verdadeiros primores.

Uma commissão importante, e para elle valiosa pelos novos aspectos, que podia rasgar-lhe, a nomeação de secretario do governo de Macáu em 12 de Novembro de 1850 veio arrancar-o d'estas occupações, attrahindo-o a novos climas. Coube-lhe o posto de primeiro tenente em virtude do despacho, partio para a China, e por dezaseis mezes suspirou pela exoneração de um cargo, que para elle significava só um desterro oneroso, e nada mais. Conseguio por fim ser attendido

Das viagens de ida e volta escreveu um livro impresso em Lisboa no principio de 1854. Seja-nos licito referir summariamente o que ácerca d'elle dizia já proximo dos ultimos momentos o poeta de *Camões* e *D. Branca*.

O Passeio de sete mil legoas elogiado por muitas pessoas curiosas, e sem favor recommendado por diversos jornaes, chegou á cabeceira do leito de Garrett, que suavizava as dores de enfermidade distrahindo-as com as diversões proprias de um espirito culto e elevado.

Leo-lhe aquellas paginas o nosso amigo commum Francisco Gomes de Amorim, e o auctor das *Viagens na minha terra*, que annos antes erguera n'este genero um monumento talvez sem rival nas litteraturas do meio dia da Europa, observou-lhe com o sorriso fino e leve, que era unicamente seu: «faça os meus cumprimentos ao Bordallo e diga-lhe que escreveu um bonito livro, mas que não andou muito avisado, compondo-o em Lisboa. Ainda que assim fosse não devia dal-o a conhecer. *A historia de uma viagem* produz muito maior effeito, quando ao leitor parece ser escripta em presença dos logares; a illusão é mais completa.»

Este conciso juizo do mestre encerra toda a critica da obra.

No territorio, que possuimos do celeste imperio, imprimio Bordallo o seu opusculo intitulado *Trinta annos de Perigrinação*, manuscripto achado na *Gruta de Camões*? São sessenta e nove paginas, em que respira toda a candura de uma alma, que nunca envelheceu, nem se corrigio da sua virtuosa confiança nos homens e nas cousas. Ama-os e crê tanto n'elles, que mesmo dizendo que não, mostra logo que até ao derradeiro dia ha de ser sempre leal e crente por instinctos, sincero e probo por irresistivel vocação do animo.

No anno de 1852 volveu de novo a Lisboa. Desde então nunca mais tornou a embarcar. Dedicado exclusivamente ao lavor das lettras, vivendo na intemidade de poucos, sem ambições, sem vaidades importunas, consagrou o tempo ao cumprimento dos deveres domesticos, ao estudo e á escripta.

Para elle as horas de trabalho eram horas de recolhimento, que não interrompia, nem permittia que estranhos interrompessem. Pertencem a este ultimo periodo da sua vida — *A viagem á roda de Lisboa*, livro concebido muitos annos antes, e estampado em Lisboa em 1855, de que não chegou a concluir a segunda parte; *os Quadros Maritimos* publicados no volume III da 3.^a Serie do *Panorama* de 1854; e *os Navegadores Portuguezes*, capitulos dados á luz tambem no *Panorama* de 1855. Apar d'estes ensaios, as paginas de diversos semanarios attestam ao mesmo tempo a sua fecundidade e como o amor da terra natal lhe dictava os assumptos.

Parecia que o character, a aptidão e as habilitações de Bordallo deviam grangear-lhe senão o valimento, ao menos a boa sombra dos homens politicos chamados a presidirem á administração da Marinha e do Ultramar.

Não aconteceu assim por muito tempo.

A sua indole isempta e incapaz de lisonjas desviava-o do caminho dos que não teem olhos senão para verem as genuflexões dos cortezaos da sua elevação ephemera. Foi preciso que o visconde de Sá, o soldado heroico, e o mais instruido ministro, que tem regido as nossas possessões desde 1834, entrasse no gabinete para o official distincto pelos serviços do mar, e pelos dotes da intelligencia ser lembrado e aproveitado.

Estava no terceiro volume, cortada pela morte, a importante empreza de descrever as diversas provincias, que formam ainda hoje o nosso extenso imperio colonial. Commettida ao conselheiro Lopes de Lima, que não levantára mão d'ella por alguns annos, ficou interrompida com a sua partida para a viagem em

que falleceu. O visconde de Sá quiz, que este valioso estudo se completasse, e em 25 de Janeiro de 1858 designou Bordallo para redigir a estatística de Moçambique e dos Estados da India.

O escriptor correspondeu briosamente á confiança do ministro. Em 1859 sahia dos prelos da Imprensa Nacional um bello volume de mais de trezentas paginas, com numerosos mappas, tão estimado dos entendidos pelo esmero e exactidão das noticias como pela correcção da phrase e do estilo.

Quando espirou tinha concluido já, ou deixou quasi concluido o tomo relativo á estatística de Goa. É de crer que não se demore em ver a luz.

Nos ultimos tempos, como se prevessem que elle dentro em pouco havia de faltar, principiaram os homens publicos a consideral-o, como em Portugal se costuma, nomeando-o para commissões gratuitas. Promovido ao posto de capitão-tenente em 8 de Agosto de 1859, era em Abril de 1861 feito secretario da junta encarregada de propor ao governo os meios efficazes de promover nas provincias ultramarinas a cultura do algodão, e em 10 do mesmo mez figurava como vogal da 5.^a secção nas listas das pessoas escolhidas para compor a commissão directora da exposição dos productos nacionaes em Lisboa, e dos trabalhos preparatorios para a de Londres.

A morte, porém, velava perto do seu leito. A enfermidade, que a olhos vistos o fa enfraquecendo, se por dias lhe dava alguma tregua era para recrudescer mais intensa de novo, assustando os seus amigos, que apesar de todos os receios estavam longe de suppor, que o termo estivesse proximo.

Convencido da gravidade da molestia, já tarde infelizmente, parece que em segredo se persuadio tambem da inefficacia dos remedios. No mez de Maio, cedendo aos conselhos dos que deploravam anciosos o seu estado, buscou algum lenitivo nos ares temperados do campo, e por alguns dias experimentou em Bellas rapidas melhoras. Acodio-lhe com ellas a esperanza e já premeditava para alcançar completo restabelecimento uma larga viagem a Malaga e depois a Constantinopla, quando a doença, redobrando os assaltos, acabou de o prostrar.

Recolhendo-se a Lisboa, e sentindo-se proximo do seu fim, encarou-o com a serenidade modesta, de que offerecera não raros exemplos na sua carreira militar. Para não antecipar aos que o rodeavam as tristezas da ultima separação compoz o rosto e as palavras, e quasi até exhalar os derradeiros alentos representou, sem se desmentir, este sublime engano.

Entretanto, nem elle, nem os outros podiam já illudir-se. No

dia 26 de Maio pelas sete horas e meia da manhã entregou a Deos o espirito, deixando de padecer.

Poucos homens viveram tanto em tão poucos annos. Descendo ao tumulo legarão outros oppulencias e grandezas; memoria mais honrada nenhum.

N'aquelle coração nunca as más paixões lançaram nem a sombra de uma nodoa; aquella alma, desprendendo-se do mundo, não terá tido de que se envergonhar na morada celeste.

Peregrino incançavel principiou e terminou cedo a trabalhosa jornada da vida.

A Europa, a Affrica, a Asia, e a America foram o theatro das suas excurções. Visitou-as, contemplou os seus monumentos, e meditou junto d'elles. Saudou os padrões levantados á glória portugueza por mãos vencedoras, e gemeo de ver tremular as côres de estandartes estranhos sobre as muralhas de fortalezas, que foram nossas.

A morte, que o seguia, não quiz que os mares lhe prestassem o lençol das vagas por mortalha, como era o seu desejo. Ferio-o nas horas tranquillias, no momento, em que tudo lhe promettia repouso.

Sepultou-se com elle o que no homem pertencia á terra; mas sobrevive na saudade e no justo louvor dos que o conheceram pela amisade, ou de mais longe pelos escriptos, o que nunca esquece mesmo em tempos esquecidos: o bom nome herdado de seus pais, e as obras do engenho.

Se parece pouco aos que se deslumbram com as pompas, é tudo para os que sabem como se desvanecem em fumo as vaidades, e só permanece o que é de Deus e do espirito, a virtude e a intelligencia.

L. A. REBELLO DA SILVA.

OLINDO E SOFRONIA.

(Fragmento de uma traducção inedicta da Jerusalem Libertada de
Torquato Tasso.)

CANTO 2.º

(Continuação.)

Julgando-se abaixado co'o desprezo
Do castigo, e dos réos escarnecido,
Ambos se creiam, diz, um e outro prezo
Seja, e o premio recebam merecido.
Aos algozes acena, e o indefeço
Mancebo é por algemas opprimido;
De costas a um poste ambos atados
Ficam, das mutuas vistas resguardados.

Já a fogueira preparada estava,
E se incitava a chamma adormecida,
Quando o joven assim se lamentava
À que estava tambem com elle unida:
É este o laço pois que eu esperava
Que juntos nos ligasse em doce vida?
É este o fogo puro dos amores
Que eu cria que nos dêsse eguaes ardores?

Outro fogo, outros laços nos prepara,
Não quaes dizia amor, a iniqua sorte;
Tanto nos separou d'antes avara!
Tanto, cruel, nos une hoje na mortel
Ao menos já que te condemna, ó cára,
A morrer, doce me é ser teu consorte,
Se não no leito, na fogueira; o fado
Teu só choro, feliz morro a teu lado.

Oh! fôra a morte vezes mil ditosa,
 É o meu martyrio como dita houvera,
 Se, unidos peito a peito, a jubilosa
 Alma nos labios teus deixar podera!
 E se, morrendo juntos, ó formosa,
 O teu suspiro extremo recebera!
 Tal chorando fallou, e respondendo
 Ella o aconselha e meiga vae dizendo :

Outro pensar, amigo, outros lamentos
 A occasião mais elevados pede.
 Põe nos peccados teus os pensamentos,
 E na paga que Deus aos bons concede.
 Soffre em seu nome, e doces os tormentos
 Serão, aspira á sempiterna séde;
 Olha o céu como é bello, o sol que é vida
 Que nos consola e quasi nos convida.

Nos olhos do infiel borbulha o pranto,
 Chora o christão, porém a voz comprime;
 Um desusado, e não sabido encanto
 No peito do cruel brandura imprime.
 Elle o conhece, e se perturba tanto,
 Que se aparta por que não desanime
 Su'alma; só, por todos pranteada,
 Sofronia tu não choras confiada.

Entanto de ar altivo eis um guerreiro,
 (Tal parecia) ao sitio se aproxima;
 No vestuario e armas estrangeiro,
 Mostra que chega de distante clima.
 Chama os olhos o tigre carniceiro,
 Que do elmo burnido traz em cima;
 Por elle ser Clorinda imaginavam,
 Pois é sua a divisa, e não erravam.

Esta o engenho e os feminis cuidados
 Desprezou desde a tenra mocidade;
 Soberba, dar os dedos delicados
 Á agulha e fuso creu indignidade;
 Fugio o ocio, e os lares retirados,
 Que ha nas armas tambem honestidade;
 Tornou o rosto seu rude e orgulhoso,
 Porém apesar d'isso inda é formoso.

Nos annos juvenis co'a nivea dextra
A domar os cavallos aprendêra;
Jogára a espada, a lança, e na palestra,
E na carreira o corpo endurecêra;
Depois no monte e selva, em caçar mestra,
Dos ursos e leões atraz corrêra;
Seguiu a guerra, e n'ella combatia
Qual fera, e ás feras homem parecia.

Agora do paiz da Persia vinha
Para que á força dos christãos resista;
Ella, que tanta vez vencido os tinha,
Contra elles de novo a lança enrista;
Porém mal que da turba se avisinha
Da morte a scena se lhe off'rece á vista.
Como a curiosidade a punge e incita,
Apressada o ginete precipita.

A multidão se aparta, ella parando
Mais de perto nos réos prezos attenta;
Nota a debil mulher valor mostrando,
E o forte que se queixa e se lamenta;
Chora o triste, bem como a dôr provando
Que de outrem compaixão experimenta;
Cala-se ella no cêo toda embebida,
Qual se já d'este mundo dividida.

Clorinda se enternece, e do seu fado
Movida algumas lagrimas derrama;
Magôa-a mais o padecer calado,
Mais que o pranto a mudez á dôr a chama;
Para um homem que ali lhe estava ao lado,
Já velho, se dirige, e inteira a trama
Da historia criminosa quer lhe aponte,
E que o crime dos réos, se o têm, lh'o conte.

A tal pergunta o velho respondendo
Lhe narrou brevemente o que sabia;
Ella o ouviu, e pasmou, logo entendendo
Que em ambos elles culpa não havia.
Roubal-os pois á morte pretendendo
Quanto co'o rogo e armas poderia,
Corre depressa á chamma, e apagal-a
Faz em quanto aos algozes assim falla:

Nenhum de vós no ministerio duro
 Em que está empeñado se afadigue
 Até que eu falle ao rei, e já vos juro
 Não temaes que por isso vos castigue.
 Obedeceram prompto ao ar seguro
 E regio, que nada ha que não obrigue.
 Depois a vér o rei d'ali caminha,
 O qual achou que ao seu encontro vinha.

Eu Clórina me chamo; nomear-me
 Certo ouvido terás, senhor, e venho
 Para junto contigo aventurar-me
 Do reino teu e nossa fé no empenho.
 Manda, e a tudo estou prompta a sujeitar-me;
 Acção pequena ou grande em nada tenho;
 Se em campo aberto, ou no recinto estreito
 Dos muros me quizeres, nada engeito.

Calou-se, e o rei tornou-lhe: que tão triste
 Paiz, por longe da Asia e sol dourado,
 Ó virgem gloriosa, acaso existe
 Que não saiba o teu nome celebrado?
 Hoje que á minha a tua espada uniste
 Nada temo, por ella descansado;
 Se exercito infinito me ajudára
 Tamanha confiança não cobrara.

Já mais do que devia me parece
 Que tarda Godofredo. Tu ordenas
 Que eu te empregue, mas teu valor merece
 Emprezas que não são d'almas pequenas.
 Só condigno de ti se te offerece
 O mando; será lei tudo que ordenas.
 Assim dizia; emtanto ella pagava
 Os louvores, e tal continuava:

Estranho julgareis, bem o prevejo,
 Ser pela paga a obra precedida,
 Mas a bondade tua dá-me o ensejo:
 D'estes miseros réos te peço a vida.
 Peço-t'o em dom, e se, qual bem eu vejo,
 A culpa é incerta, a pena é immerecida;
 Mas calo-me, e tambem calo os patentes
 Signaes que tornam ambos innocentes.

Só direi que é geral o pensamento
Entre vós que a imagem foi roubada
Pelos christãos, pois eu não me contento
Com essa opinião, e a julgo errada.
Do magico o alvitre atrevimento
Foi contra o céu, e nossa lei sagrada,
Que idolo algum a nós ella consente,
Quanto mais de infiel, descrida gente.

Portanto a Mahomet a milagrosa
Obra attribúo, foi por elle feita,
Por mostrar que em seus templos odiosa
Religião soffrer sempre regeita.
Sua arte Ismeno empregue poderosa,
A alma a guerra tal só tem afeita;
Nós cavalleiros temos ferro e lança,
Esta nossa arte é, nossa esperança.

Calou-se; e o rei, ainda que á piedade
Difficilmente e raras vezes cede,
O animo dobrou, que o persuade
A razão, mais o pezo de quem pede.
Tenham vida, responde, e liberdade;
A tal pedido tudo se concede;
Ou seja por justiça, ou por clemencia
Absolvo, e dou a ambos a existencia.

Livres assim ficaram. Venturoso
Sem duvida que foi de Olindo o fado;
Desperta o peito d'ella generoso,
Por taes mostras de amor incendiado.
Vae da fogueira á boda Olindo, e esposo
De réo é feito, não de amante amado;
Com ella quiz morrer, e não se esquiva
Sofronia a que com elle agora viva.

J. RAMOS COELHO.

ERRATA

Na oitava 5.^a do fragmento de Tasso que vem no n.º 2 da *Revista Contemporanea* deve lêr-se o 4.º verso d'este modo:

Cumplíce não busquei que me assistisse,

E na 11.^a o 5.º:

Estam-me a honra e a morte reclamando,

PALESTRAS SCIENTIFICAS

VIII



estudo do ar em relação com a vida dos seres organizados, ainda hoje, apesar de todos os progressos da sciencia, é vasto campo, digno de prender a attenção dos homens, que empregam a sua intelligencia em proveito immediato da humanidade.

Não é trabalho para um só homem, nem ainda para uma geração. Muitos seculos tem já decorrido desde que Hypocrates compoz o seu tratado *de are aquis et locis*. Muitos seculos teem ainda de correr sem que os homens possam jactar-se de conhecer completamente o meio em que vivem e todos os phenomenos que lhe são correlativos, porque no muito que se sabe, ou se presume saber, ha ainda grandes incertezas que se revellam nas opiniões encontradas e nas disputas dos sabios, que directa ou indirectamente se dão a este estudo.

Entretanto, é força dizel-o, todas estas disputas e opiniões encontradas, mais oppostas na apparencia do que na realidade, revellam pensamento elevado, vontade inabalavel, e constancia não desmentida em descortinar a verdade para honra e proveito da nossa

especie. Santo e honroso emprego da vida e da intelligencia, raras vezes apreciado no seu justo valor, rarissimas vezes recompensado, e quasi sempre esquecido, senão desprezado e até calumniado pelos que cultivam a frondosa arvore da mentira, a cuja sombra se acolhem, e de cujos fructos se alimentam.

Debaixo de diversos pontos de vista podem os sabios considerar o ar atmosphérico: já como parte integrante do planeta que habitamos e em relação aos seus grandes movimentos e aos phenomenos geraes que occorrem em toda a sua immensa extensão; já como agente das transformações lentas, mas successivas, porque está passando a terra, que elle circunda; já finalmente como inevitavel e indispensavel meio em que a vida se agita.

Todos estes diversos pontos de vista são nimiamente interessantes, mas aquelle que de mais perto nos toca, e a que damos preferencia n'estas leituras, é o ultimo, restringindo-o por em quanto ás relações do ar com o homem, relações que convém fazer de todos conhecidas.

O homem, assim como os outros seres organisados, está em relação com o ar, principal e immediatamente, pela funcção da respiração.

Todos sentem que a respiração é necessaria ao sustento da vida; que o ar é indispensavel á respiração, e que por isso ninguem pôde viver sem ar que respire; mas o que nem todos sabem, e que até os proprios medicos ignoraram por muito tempo, é o que se passa no acto da respiração e como n'ella intervem o ar atmosphérico.

Foi a chimica quem lh'o revellou, e ainda por intervenção do maior genio, que n'esta sciencia abriu caminho para os grandes descobrimentos d'este seculo.

Lavoisier isoladamente, ou com o auxilio de Séguin e de Laplace, emprehendeu grande numero de experiencias tendentes a revellar o mysterio da respiração, e reconheceu que n'esta funcção o ar, que entra para os pulmões, fornece o oxygeneo necessario para queimar uma certa porção de carboneo e de hydrogenio do sangue, tornando-o por este modo apto á nutrição dos orgãos, e conservação da vida.

Vio que o ar que expiramos ou que sae dos pulmões depois de haver servido á respiração, differia essencialmente do ar que inspiramos directamente da atmospheria, e differia d'elle em conter menor oxygeneo e muito mais acido carbonico e vapores d'agua, que são exactamente os corpos que resultam da combustão do carboneo e do hydrogenio do sangue.

Lavoisier havia já adiantado muito o estudo da respiração, havia redigido algumas memorias sobre as suas experiencias, mas não dava ainda por completo este interessante trabalho, quando, sem o esperar, e todo entregue ás suas investigações scientificas, foi brutalmente interrompido pelo cutello dos nivelladores sanguinarios de 1793.

Aos cincoenta annos de idade, ainda no vigor das suas faculdades intellectuaes e do seu productivo engenho; tendo creado uma escola sua, e, mais do que uma escola, uma sciencia tão vasta e fecunda; tendo aberto á França e ao mundo o caminho de inexauriveis riquezas, foi juridicamente assassinado por aquelles homens ferozes que no tumultuar da revolução dominaram a França pelo terror em nome da liberdade.

O seu espirito estava ainda tão preocupado com o seguimento das suas experiencias que, segundo dizem alguns contemporaneos, quando lhe foi communicada a sentença do tribunal revolucionario, que o condemnava á morte, pedira, ou fizera pedir em seu nome, lhe concedessem alguns dias para as terminar. Não se pôde comtudo dar como certa esta tentativa, mas o que parece incontestavel é que alguém intercedera em seu favor perante o terrivel tribunal, pedindo se conservasse á França uma das suas mais brilhantes glorias e á sciencia um dos seus mais poderosos esteios. A resposta de um dos julgadores caracteriza a época — *a republica*, disse elle «*não carece de sabios nem de chimicos, mas sim de defensores....*» Como se as nações podessem ser livres e gloriosas sem o auxilio das sciencias.

Lagrange, ao receber a noticia do assassinato legal de Lavoisier disse a Delambre que estava proximo d'elle «*bastou-lhes um momento para decepar aquella cabeça; e um seculo não será talvez bastante para produzir outra equal.*» A tyrannia que vem de baixo é ainda mais cega e perversa do que a que desce dos thronos, porque nem mesmo poupa aquelles que dão honra e gloria ao povo e que se sacrificam ao seu engrandecimento. O tribunal revolucionario pôde com um golpe de guilhotina cortar a vida de um dos primeiros genios da França, mas não pôde, e ninguem o poderia anniquillar ou fazer esquecer a doutrina immortal com que Lavoisier dotou a sciencia.

A theoria da respiração estabelecida por Lavoisier e pelos sabios, que, no principio d'este seculo, trabalharam no mesmo sentido, é extremamente singela e limita-se a um simples phenomeno de combustão tendente a tornar o sangue das veias, que vem carregado com principios fornecidos pelos alimentos, apto para a assimilação, nutrição, manutenção da vida e exercicio das faculdades animaes. «A respiração» diz elle em uma das suas memorias «*não é senão uma combustão lenta de carboneo e de hydrogenio, que em tudo é semelhante á que se opera em uma lampada ou em uma vela que arde; e, debaixo d'este ponto de vista, os animaes que respiram são verdadeiros corpos combustiveis que ardem e se consomem... Na respiração como na combustão ordinaria, é o ar da atmospherá que fornece o oxygeneo e o calorico; mas como na respiração, é a propria substancia do animal, é o sangue, que fornece o combustivel; se os*

animaes não recuperarem pelos alimentos o que perdem na respiração, o azeite faltaria á alampada, e o animal se extinguiria como uma luz se apaga, quando lhe falta o alimento.

Foi pelo estudo da alteração do ar, produzida pela organização dos animaes, que se chegou ao conhecimento d'estas verdades. O ar normal tem apesar entre quatro e seis decimas millesimas partes de acido carbonico em volume; o ar expirado por um homem traz regularmente quatro por cento do mesmo gaz, uma grande quantidade de vapor de agua, e vem privado da maxima parte do seu oxygeno, exactamente como o ar que serviu á combustão do azeite em uma lampada e que sáe pela sua chaminé. D'onde se conclue que nos orgãos da respiração uma parte do carboneo e do hydrogenio da materia animal foi queimada pelo oxygeno do ar.

Lavoisier e Laplace não podiam deixar de attribuir a esta combustão que se effectua no seio do organismo, o calor animal, que em todos os seres, cuja respiração é muito activa, como nos homens, nos mamiferos, e nas aves, é quasi constante, e superior ao do meio em que vivem.

As observações e experiencias modernas de muitos sabios, chimicos e medicos, que continuaram as investigações de Lavoisier, tem dilatado os nossos conhecimentos sobre este importante phenomeno da respiração. Nas theorias modernas a idéa principal de Lavoisier subsiste — a respiração é uma combustão de parte dos elementos do sangue — mas esta combustão não é immediata como a dos combustiveis nas nossas fornalhas, é lenta e successiva.

O sangue venoso, chegando ao pulmão, dissolve ahi o oxygeno do ar, e larga o acido carbonico: torna-se por este facto arterial, mas sem produzir calor, sem combustão.

«Debaixo da influencia do oxygeno absorvido, as materias saluveis do sangue convertem-se em acido lactico,¹ como observaram Mitscherlich, Bontron-Charlard e Fremy; o acido lactico converte-se a seu turno em lactato de soda, e este ultimo, por meio de verdadeira combustão, em carbonato de soda, que uma nova porção de acido lactico vem novamente decompôr.»

Assim expõe Dumas em poucas palavras a nova theoria da respiração. O lugar em que a combustão se termina não é pois o pulmão, ali só ha dissolução de oxygeno; a verdadeira respiração ou combustão termina-se na intrincada rede dos vagos capilares e em todos os outros orgãos aonde o sangue aflue e aonde se produz o calorico.

Dumas na sua statica chimica dos seus organisados apresenta uma comparação nimamente interessante entre esta combustão que se effe-

¹ O acido lactico é o que se encontra no leite azedo.

ctua nos nossos órgãos, para alimento da vida e exercicio da força muscular e de todo o trabalho do nosso organismo, e a combustão do carvão nas machinas de vapor como origem da força mechanica.

«Para subir ao cume do monte Branco, um homem emprega dois dias de doze horas. Durante este tempo, queima, termo medio, 300 grammas de carvão ou o seu equivalente de hydrogenio. Se uma machina de vapor se encarregasse de o transportar áquella altura, teria de queimar 1:000 ou 1:200 para fazer o mesmo serviço.»

«O homem, considerado como machina que tira toda a sua força do carvão que queima, é machina quatro vezes mais perfeita do que a mais perfeita machina de vapor.»

Mas a comparação que nos apresenta Dumas é ainda desfavoravel ao homem, porque a machina que nos transportasse ao alto do monte Branco, (e não havia de ser uma locomotiva) tinha só a elevar o nosso peso áquella altura; em quanto nós subindo pelas escarpas da serra, não executamos unicamente o movimento ascencional, executamos tambem outros movimentos em plena liberdade, fallamos com os nossos companheiros de viagem e pensamos e empregamos todas as nossas faculdades sem prejuizo da ascensão. Tudo isto é trabalho, e grande e delicado trabalho da machina animal que queima só em 24 horas 300 grammas de carvão.

Muito tem ainda que fazer a mechanica para chegar a esta perfeição; é até natural e certo que nunca lá ha de chegar; mas aproximar-se é já um grande progresso, e para lá vão os engenheiros. A machina Lenoir alimentada pelo gaz Chander é já um grande passo n'este caminho; brevemente veremos realisada essa revolução, e em poucos annos as nossas grandes caldeiras geradoras de vapor servirão unicamente de monumentos para indicar o caminho da invenção.

Pondo de parte as circumstancias physiologicas da respiração, o que agora principalmente nos interessa, são as condicções a que o ar deve satisfazer para bem servir n'esta função tão essencial á vida.

Ninguem duvida que o ar puro e livre, o ar normal, como aquelle que se respira no campo, e contém, por cada 10:000 volumes, 2:081 de oxygeno, e 7:919 de azote, é o mais apropriado á respiração do homem e dos animaes superiores. Nenhum outro gaz ou mistura de gazes o póde substituir sem inconveniente; e de mais é necessario que elle esteja no estado de condensação em que se acha na camada de limites bastante aproximadas em que habitualmente vivemos. Já vimos em outro logar que o ar muito condensado, como aquelle que são obrigados a respirar os operarios que trabalham nos novos apparelhos de construcção submarina, causava grandes perturbações na economia animal. Tambem o ar muito rarefeito dos logares elevados, em que a pressão atmospherica diminue consideravelmente, é improprio para ali-

mentar a respiração de um modo regular. Assim como um passarinho se sente gravemente incommodado pôde até morrer asphixiado, quando o introduzimos no recipiente da machina pneumatica, em que lhe rarefazemos o ar, tambem nós, á proporção que nos elevamos ás camadas superiores da atmosphaera, subindo ao cume de uma erguida serrania, ou levados por um balão aerostatico, sentimos que o ar nos falta e que se torna anhelante a respiração, chegando até a ponto de vêr escapar-se o sangue dos vasos, por falta da pressão atmospherica a que estão habituados.

Assim uma certa e determinada quantidade de oxygeneo livre no ar que se respira, e a ausencia dos gazes nocivos são condicções indispensaveis para o regular exercicio da respiração. Mas n'este acto uma parte do oxygeneo se consome, e o ar que os animaes restituem na expiração, já não tem a maxima composição. Perdeu elle de 4 a 6 por 100 de oxygeneo e adequiriu de 3 a 5 por 100 de acido carbonico. Tornouse por esse facto improprio para a nova respiração.

Na atmosphaera livre, e agitada nos seus continuos movimentos, esta alteração é insensivel, por que o ar expirado se dilue no grande oceano aereo, e o oxygeneo gasto vem a ser substituido por novas porções do mesmo corpo.

Já não acontece o mesmo nos espaços limitados por obstaculos que vedam a renovação do ar. Assim no interior das casas, em que vivem os homens e os animaes, em que ardem combustiveis, em que se desenvolvem gazes e corpos volateis, o ar perde a faculdade de alimentar a respiração de um modo conveniente, se não conseguirmos renovar-o constantemente e de modo tal que apresente sempre a sua composição normal.

É por esta razão que o estudo da viciação do ar nos espaços limitados tem merecido grande attenção dos chimicos e dos hygienistas.

As experiencias de Regnault, de Rescit, de Bérard, de Andral Garvarret e Leblanc, illucidaram muito esta questão e pozeram fóra de toda a duvida a influencia que exerce sobre a saude publica um boim systema de ventilação no interior das casas, objecto que havia sido demasiadamente despresado pelos architectos.

A quantidade de oxygeneo consumido na respiração varia com a idade, com o sexo, e ainda com outras circumstancias peculiares do individuo. Pôde assegurar-se, (diz Girardin depois de citar diversas experiencias a este respeito) que um homem altera em 24 horas e torna insalubres 25 metros cubicos de ar. Imaginemos pois o que acontecerá em uma casa em que muitas pessoas se reúnem e em que ardem muitas luzes? Todos sabem quanto se torna insupportavel o ar n'uma sala de baile ou n'um theatro mal ventilado. N'estas circumstancias os homens sentem-se mais incommodados do que as mulheres, e os homens

robustos e novos mais do que os velhos e as creanças. É porque uns e outros carecem de uma razão de oxygeno mais ou menos avultada, e em relação com o carbone que lhes é necessario queimar.

Não repetirei agora o que os hegyenistas dizem do ar das enfermarias de certos hospitaes e das enxovias das antigas prisões. Citarei apenas como exemplos alguns factos notaveis. Girardin refere o seguinte:—No hospicio da maternidade em Dublin, morreram, durante quatro annos, 2:944 creanças sobre 7:650, e logo na primeira quinzena depois de nascidas. Pensou-se que esta espantosa mortandade poderia ser originada pela falta de ar nas salas do hospicio; trataram então de multiplicar os ventiladores em proporção conveniente e a mortalidade ficou reduzida a 279. Donde resulta que sobre 2:944 creanças que haviam morrido nos quatro annos precedentes, 2:665 pereceram por falta de ar.»

Ainda que aquella consequencia não seja demasiadamente rigorosa, comtudo o facto prova exuberantemente a funesta influencia da falta de renovação do ar no interior das casas.

No curso de hygiene de Fleury leio o seguinte:—Percy refere que durante as guerras dos inglezes no Indostão, 146 pessoas foram encerradas em uma camara de 20 pés quadrados, e que tinha só duas pequenas janellas que abriam para uma galeria donde recebiam o ar. Sobreveio-lhes a todos suor abundante e continuo, sede insaciavel, dores thoracicas muito vivas, a dyspnéa, a suffocação e a febre: no fim de 4 horas muitos d'estes infelizes cahiram n'uma estupidez lethargica ou n'um delirio violento; no fim de 6 horas 96 haviam succumbido e no fim de 8 contavam-se já 123 mortos.—Logo em seguida encontro: «Depois da batalha de Austerlitz, 300 prisioneiros austriacos tendo sido encarcerados n'uma adega subterranea, 260 morreram em curto espaço de tempo.»

Os exemplos de factos analogos póde-se dizer que são aos milhares.

Mas não é só o desaparecimento do oxygeno necessario á respiração, e a sua substituição pelo acido carbonico e pelo vapor da agua, que prejudica a saude dos que vivem por algum tempo em logares fechados em que se accumula muita gente, e ardem muitas luzes; é tambem a elevação da temperatura e a exalação das materias animaes de facil decomposição que se denunciam pelo cheiro desagradavel e que muitas vezes se tornam pestiferas.

Deus me livre da pretensão de elevar este artigo ás proporções de um tractado de hygiene, mas depois de tudo o que tenho referido, devo acrescentar que, seguindo as opiniões mais acertadas, para respirarmos bem á vontade carecemos pelo menos de dez metros cubicos de ar por hora e por pessoa.

Com esta salutar advertencia, cada um tome as suas medidas para

não ser asphixiado nem incommodado. Os bons architectos já hoje não despresam nos seus projectos as condições de uma boa ventilação; os máos ainda as ignoram ou despresam, e n'isto estão abaixo dos insectos que vivem em sociedade, por que nas engenhosas construcções das formigas, das abelhas e das termites de Africa essas condições são rigorosamente observadas em beneficio commum.

Se, por falta de continua renovação, o ar das casas, ou dos espaços limitados, se pôde tornar insalubre e irrespiravel, quando os homens, os animaes e os combustives lhe tem gasto o oxygeneo, substituindo-o por acido carbonico e vapores de agoa, não acontece o mesmo ao ar livre e sujeito dos movimentos atmosphericos porque o que se perde por um lado recupera-se por outro, pois lá estão os vegetaes que se encarregam de consumir a maior parte do acido carbonico restituindo-nos o oxygeneo, mantendo até certo ponto a uniforme composição do ar respiravel.

Mas não pára aqui. Ha ainda muitas outras coisas a considerar nas relações do ar atmospherico com a nossa economia, sem que sejamos obrigados a sahir para fóra das raias da chimica.

Não é necessario fixar por longo tempo a attenção sobre as variadas causas que tendem a perturbar a pureza do ar, para nos convençermos de que devem necessariamente existir differenças essenciaes, entre aquelle que respiramos á superficie da terra, e o que se agita nas regiões superiores da atmosphaera. Quando os chimicos dizem que o ar atmospherico de todas as alturas, de todos os climas e de todas as estações apresenta uma composição que se pôde ter por identica e invariavel, querem apenas dizer que os dois elementos essenciaes á sua composição chimica, o oxygeneo e o azote, existem por toda a parte misturadas nas mesmas proporções. Este é o unico resultado que se pôde tirar, com certa segurança, das mais perfeitas analyses, que tem sido repetidas por toda a parte, e que tão faceis são de repetir pela sua extrema simplicidade.

Este resultado não contraria o facto, aliaz provado, da existencia de outros muitos corpos, que em proporção minima, mas efficaç, se acham como dissolvidas ou suspensas n'este grande oceano gazoso.

Não insistiremos sobre a constante presença da agua e do acido carbonico no ar, porque, depois do azote e do oxygeneo, são elles os corpos que a analyse e os phenomenos metereologicos nos mostram mais disseminados nas regiões accessiveis da atmosphaera. O papel que ambos representam na physica do globo, as funcções que exercem em relação aos seres vivos são de maxima importancia, como já tivemos occasião de dizer, e taes a sua supressão tornaria impossivel a vida.

O ammoniaco e o acido azotico, ou nitrico, cuja existencia no ar e agua da chuva, e cujas funcções na alimentação dos vegetaes tem sido ple-

namente demonstrados pela chimica dos nossos dias, vem logo apoz a agua e o acido carbonico, em quantidade e importancia de funcções.

Mas além de todos estes corpos, outros muitos, que uma analyse rudimentar é insufficiente para nos revellar, existem na atmosphaera e exercem influencia notavel, já funesta, já benigna, sobre a vida dos seres organisados.

N'estas camadas inferiores do ambiente, que estão, para assim dizer, em contacto com a terra, devem necessariamente achar-se, pelo menos temporariamente, todos os corpos que, no estado de gaz ou de vapores, se levantam emanando do interior do globo, ou se produzem á sua superficie por causas muito diversas; e não só os corpos volateis mas tambem tenues detritos de materia solida inerte, restos de materia organica e até seres vivos e completos, inapreciaveis á simples vista, que todos, pela sua pequena densidade, se suspendem no ar. Um raio de luz, uma restea de sol, penetrando no interior de uma casa escura denuncia-nos bem claramente a existencia de materia solida sempre suspensa no ar.

Todas estas materias, gazes vapores, detritos de materia solida, inorganica e organica, sporulos de vegetaes parasitas, ovos de animaes microscopicos, e estes principios organicos em decomposição ainda não definidos a que se dá o nome de miasmas, todo este pandæmonium atmospherico nos cerca e se introduz na economia pelos orgãos da respiração. Porém como a sua quantidade ponderal é imperceptivel, como os não vemos, tambem nos não chegamos a preoccupar da sua influencia. Mas aquelles que acreditam na efficacia das dores homœopathicas de Hahnemann não devem de certo dormir muito tranquillos, quando considerarem na multiplicidade de substancias activas que o ar de qualquer localidade pôde trazer em suspensão ou dissolução.

Infelizmente muitas das materias, principalmente de origem organica, que circumstancias locaes introduzem no ar, exercem sem duvida alguma acção funesta sobre os seres vivos vegetaes e animaes. Já desde muito sabem todos que as febres intermitentes, e outras enfermidades mais terriveis, teem a sua origem n'esses venenos acarretados pelo ar e a que se dá o nome de *miasmas*.

A sciencia tem-se esforçado em investigar não só a origem e natureza d'esses principios nocivos, mas tambem, e com muito empenho, tem procurado descobrir os meios mais efficazes de conservar e restituir a pureza ao ambiente em que vivemos, e em ambos estes seus humanitarios intentos os progressos são patentes e os resultados lisongeiros, ainda que incompletos.

Questão de tanta importancia, e que de tão perto nos toca, vale a pena de ser tratada um pouco extensamente, e por isso a reservo para o proximo artigo.

J. PIMENTEL.

CHRONICA



emos o *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama em MCCCCXCVII*. Pensam talvez, que vamos recommendar o livro? Enganam-se. Não precisa; o livro traz em si a recommendação. Citando um dos nomes que firma a primeira pagina, é o que basta. Promove logo a curiosidade, chama a attenção, desperta o interesse, captiva a sympathia, accende o enthusiasmo. Tem um lugar reservado em toda a livraria escolhida; tem um lugar de honra na estante do escriptor.

Firma a primeira pagina o nome do sr. Alexandre Herculano, e acompanha-o, como collaborador o sr. barão de Castello de Paiva. Damos a este os parabens, pela boa fortuna que teve. Collaborar com Alexandre Herculano! Quem não ambicionára semelhante privilegio!? Quem deixára de reputar uma gloria merecê-lo!? Alliar o seu nome ao nome do grande historiador n'uma obra!

E que excellentes e proveitosas lições não devem produzir as horas de mutuo trabalho n'aquelle bello retiro da Ajuda? Trabalhar assim é por força um prazer, um enlevo, uma embriaguez! Illustra ouvir aquella palavra auctorisada; maravilha contemplar a austera serenidade d'aquella vida! Da honra é symbolo; do saber é oraculo!

Os apontamentos do sr. Alexandre Herculano tornam quasi desnecessaria a investigação; os seus commentarios rasgam os densos véos que muitas vezes

escondem a verdade dos factos. É a luz irradiando nas paginas obscuras do passado! É a erudição mais profunda avivando os traços imperfeitos da chronica!

Sobre o livro que havemos de acrescentar? Que é a segunda edição, e que vem enriquecida com um novo prologo. Que, tanto pelo assumpto, como pela fidelidade narrativa dos acontecimentos, é uma obra notavel e de grande interesse. Que, a sua leitura ha de aproveitar por que é instructiva.

Finalmente, o *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama em MCCCCXCVII*, recommenda-se por dois titulos: é uma pagina das mais gloriosas do nosso passado extrahida e commentada por um dos primeiros ornamentos da litteratura moderna.

Registaremos aqui uma novidade artistica. Reserval-a para depois, seria deslocal-a. É o retrato do sr. Alexandre Herculano para o *Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro*, que já está principiado pelo sr. José Rodrigues. O distincto artista empenha-se devéras na boa execução d'este trabalho, e estamos convencidos que ha de justificar a brilhante reputação que tem adquirido n'este genero. Se o ênthusiasmo pelo retratado influe, — e influe de certo — para inspirar o pintor, o retrato do sr. Alexandre Herculano deve ficar uma obra de arte.

A homenagem que acaba de prestar ao auctor da *Historia de Portugal* e do *Eurico*, o *Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro*, torna-o digno da mais alta consideração, para todos aquelles que cultivam as letras entre nós, e o chronista ainda que dos mais humildes, apressa-se em testemunhar-lh'a n'estas breves e singelas linhas.

N'este momento recebemos uma carta de Camillo Castello Branco, encerrando uma poesia. Ha bastante tempo que o eminente escriptor não enriquecia a *Revista Contemporanea*, com produção sua. De mimos taes não se demora a publicação. Mas restam apenas as paginas da chronica para completar este numero. Que havemos de fazer? Substituir os sentidos e bellos versos de Camillo Castello Branco, á nossa rasteira prosa. Eil-os, pois:

A * * *

(no dia de seus annos)

O tempo inexoravel, escoltado
De angustias, de paixões, e de martyrios,
Viu-te, archanjo do amor, e o braço irado
Desarma, e suspirou.
Contempla-te; e, por vêr-te assim formosa,
Formosa e sem ventura, exclama «És linda
«O golpe... não t'o dou!
«Vieste assim de Deus! Tens formosura,
«Que eu não ouse tocar! Matem-te a alma
«Os barbaros da honra em vil tortura;
«Mas eu serei por til!
«Não se apaga no pranto a viva flamma

D'esses teus olhos... Vive, e cré, e ama,

«Anjo, perdido aqui!

«És linda! Que te vejam teus algozes

«N'um carcere afrontar mortaes angustias

«Vencêl-as, e aparar golpes atrozes

«No peito varonil!

«Recuem de humilhados! Que te adorem;

«Perdida para sempre, que te chorem,

«Oh coração gentil!

«Teus dias não são meus. Sempre formosa,

«Amada sempre, e sempre estremecida,

«És fé, és crença, amparo, e luz radiosa

«De quem captivo é teu.

«Amor linda te fez, amor te vela;

«Por milagre d'amor serás mais bella,

E bella irás ao ceu!»

Assim fallára o Tempo; e, todo affagos,

Nos olhos teus, revendo-se amoroso,

Sentiu coar-lhe n'alma os phyltros magos

Com que amor te fadou.

E, abrazeado em chammas de desejo,

Ao dar-te sobre o seio ardente beijo,

Mais linda te deixou.

Setembro de 1860.

Ó meu amigo! Ó meu poeta! como a tua alma padecia quando soltaste esse hymno de amor! Foi do coração que te subiu á cabeça, doirando a tua phantasia! E vê-se ali o teu coração! Vê-se a luz que o enche; vê-se o espinho que o dilacera! Abençôa e maldiz!

A corôa do martyrio, meu Camillo, deixa raras vezes de se entrelaçar com a do talento! O esplendor de uma foi talvez a origem da outra, e ha de ser a sua condemnação! Elles, os teus verdugos, preparam o ferrete de ignominia que os marcará no futuro; tu, lavras os diplomas que hão de perpetuar a gloria do teu nome!.....

Vem a proposito mencionar aqui a biographia de Camillo Castello Branco escripta pelo sr. Vieira de Castro, que acaba de publicar-se no Porto, e que esperamos ter cedo occasião de lêr, para consignarmos na chronica as boas impressões, que, necessariamente nos deixará gravadas.

O biographo é competente. Junta a uma bella vocação litteraria, o conhecimento intimo da vida do biographado. Ha de ser uma historia verdadeira e bem contada.

O que desde já podemos offerecer aos nossos assignantes é a copia do autographo do auctor da *Vingança*, que acompanha o volume.

«Meu amigo — A pagina mais crível e instructiva da minha biographia será aquella em que escreveres que a desgraça é a pedra de toque, onde se aquilatam os amigos. Pódes dizer que eu perdi os muitos em que me fiava no dia em que a desgraça me deu o seu abraço mais apertado; mas diz tambem que vi em redor de mim aquelles com quem não contava. Olha se inventas palavras com que exprimas o nojo que me fazem os primeiros, e nada escrevas em louvor dos outros, que a esses lhes basta a recompensa da sua consciencia.»

Do livro do sr. Vieira de Castro contamos poder fallar no proximo numero.

ERNESTO BIESTER.